



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RENATA DE PAULA FERREIRA

A VOZ INTERDITA DE DODÔTE:
UM ESTUDO SOBRE O ROMANCE *REPOUSO* DE CORNELIO
PENNA

Londrina
2014

RENATA DE PAULA FERREIRA

A VOZ INTERDITA DE DODÔTE:
UM ESTUDO SOBRE O ROMANCE *REPOUSO* DE CORNELIO
PENNA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Almir Aquino Corrêa

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F383v	Ferreira, Renata de Paula. A voz interdita de Dodôte : um estudo sobre o romance Repouso de Cornelio Penna / Renata de Paula Ferreira. – Londrina, 2014. 88 f. : il. Orientador: Almir Aquino Corrêa. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Inclui bibliografia. 1. Penna, Cornelio – Teses. 2. Ficção brasileira – História e crítica – Teses. 3. Dodôte (Personagem fictício) – Teses. 4. Melancolia na literatura – Teses. I. Corrêa, Almir Aquino. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título. CDU 869.0(81)-31.09
-------	--

RENATA DE PAULA FERREIRA

A VOZ INTERDITA DE DODÔTE: UM ESTUDO SOBRE O ROMANCE
REPOUSO DE CORNELIO PENNA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

Orientador. Prof. Alamir Aquino Corrêa
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Barbara Cristina Marques
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Marta Dantas da Silva
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Londrina, 25 de julho de 2014.

AGRADECIMENTOS

Esses anos de estudo que levaram a este trabalho foram singulares e não poderei medir o quanto me favoreceram. Inicialmente devo agradecer à Universidade Estadual de Londrina e ao programa de pós-graduação em Letras Estudos Literários, e também à Capes por proporcionar a bolsa de estudos com a qual fui contemplada durante esses anos.

Agradeço aos que me ajudaram ainda no início quando eu ansiava por uma vaga; a Dejour Dionísio, que com suas palavras de entusiasmos foi capaz de me fornecer segurança e esperança. À minha querida Stefani Edvirgem da Silva que, com toda paciência, leu várias vezes meu pré-projeto; jamais esquecerei de sua alegria ao saber que eu havia passado no mestrado. Emociono-me ainda ao lembrar de você chorando e agradecendo como se fosse você quem tivesse passado; Vache, você vive a minha felicidade como se fosse sua e isso é algo que não se explica. Obrigada.

Gostaria de agradecer a todos que participaram desse processo como os funcionários da secretária de pós-graduação que sempre foram muito solícitos, como também aos admiráveis professores com quem tive aula durante esses anos e às amigas que conquistei durante o mestrado. Agradeço à Ana Paula Sversuti Gongora Bortolotto, minha querida amiga, que sempre me ajudou em tudo que pode. E também ao meu amigo, ao outro lado da calma, que sempre me fez rir e de quem eu sinto muita falta, Cassiano Motta.

Nada disso seria possível sem a minha família, meu elo de união com a vida. Quero agradecer às três mulheres da minha vida: Therezinha de Jesus Pilão Marques, minha vovis, Márcia de Paula Ferreira, minha mãe, e Mayra de Paula Ferreira, minha irmã. Sem todo o amor que essas três pessoas têm por mim, eu jamais saberia o que é ser feliz e viver não teria qualquer colorido. Ao restante da família, agradeço com todo amor ao meu pai, Pedro Geraldo de Paula Ferreira, que me ensinou o que é amor incondicional, e ao meu tio, Edson Constantino Marques,

que sempre acreditou no meu potencial e sempre me apoiou nos estudos e na vida. Obrigada.

Emociono-me muito ao falar de todos que me ajudaram ou colaboraram com minha evolução de alguma forma durante esses anos. No entanto, deixo por último o agradecimento mais importante que tenho a fazer, não por uma questão de estilo, mas por saber que nessas palavras que escreverei há muita gratidão e tristeza e, talvez, depois seja difícil agradecer a mais alguém. Professor Almir Aquino Corrêa é minha inspiração desde o primeiro dia de aula; analisei cada gesto e cada palavra que ele disse para que tudo ficasse guardado em mim. Não por acaso quis com todas as minhas forças que ele fosse meu orientador, pois sempre acreditei que na relação de orientando e orientador fosse necessário respeito e admiração e é o que há. Embora minha vida tenha sido marcada por ótimos professores, nunca eu havia me deparado com alguém que sabe tanto, que tem tanta ética e respeito pelos demais. E mesmo eu tão pequena em conhecimento perto dele, mesmo assim, nunca houve uma palavra sua que me desmerecesse ou me fizesse sentir aquém. Todo este trabalho foi pautado na confiança que ele, mesmo que silenciosamente, depositou em mim e não houve um só momento em que eu me sentisse sozinha, desamparada, que eu me pensasse incapaz, pois eu sempre soube que tinha a segurança de tê-lo como orientador. Com tanto Amor e entrega que há no trabalho do Prof. Almir, sempre procurei ser o melhor de mim para que talvez eu pudesse recompensá-lo por ter me dado a honra de ser sua orientanda.

Terminar este trabalho é muito doloroso para mim, pois foi fonte de muito aprendizado e crescimento, mas aprendi com o senhor, professor, que mortes são necessárias para que possamos abrir espaço para o novo. Sou imensamente grata por tê-lo como orientador. Obrigada por tudo. Ficamos assim, então.

FERREIRA, Renata de Paula. **A voz interdita de Dodôte**: um estudo sobre o romance *Repouso* de Cornelio Penna. 2014. 88 f. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) – UEL – Londrina.

RESUMO

Este trabalho propõe estudar a obra *Repouso* (1948) de Cornelio Penna, analisando a melancolia encarnada na protagonista Dodôte. A melancolia é aqui percebida como a falta de interesse pelo mundo exterior, a inibição de toda atividade e a diminuição do sentimento de autoestima e de estima pelos outros. A apatia predomina sobre a vida do sujeito melancólico, assim como um desespero intenso e uma grande tristeza. Todas essas características são aplicáveis à vida de Dodôte e à maneira como essa personagem se vê diante do mundo. Há de se observar também que a melancolia pode ser associada à perda de um ente próximo. Na vida de Dodôte, o estado de luto é frequente, mas há momentos em que se intensifica mesmo em instantes de vida como no casamento com seu primo Urbano. Dessa forma, procura-se aqui caracterizar o romance *Repouso* como uma obra que fala da perda do gosto de viver e também da dor de viver.

Palavras-chave: Cornelio Penna. Dodôte. Melancolia. Sujeito melancólico.

FERREIRA, Renata de Paula. **A voz interdita de Dodôte**: um estudo sobre o romance *Repouso* de Cornelio Penna. 2014. 88 p. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) – UEL – Londrina.

RÉSUMÉ

Ce travail propose d'étudier le roman *Repouso* (1948) de Cornelio Penna. Le thème qui sera analysée c'est la mélancolie enraciné dans le protagoniste Dodôte. La mélancolie est perçu chez Penna comme la suspension de l'intérêt pour le monde extérieur, l'inhibition de toute activité et la diminution du sentiment d'estime de soi même et pour les autres. L'apathie prédomine sur la vie du sujet mélancolique, aussi bien que un désespoir intense, une véritable douleur morale. Toutes ces caractéristiques sont parfaitement applicables comme des éléments qui traduisent la vie de Dodôte et aussi sur la manière qui ce personnage est confronte en face du monde. Il faut noter aussi qui la mélancolie peut s'y rattache à la perte d'un proche. Dans la vie de Dodôte l'état de deuil c'est fréquent, mais il y a des moments qui l'état de deuil est reforce comme dans son mariage avec son cousin Urbano. De cette façon, on cherche à caractériser le roman *Repouso* comme une oeuvre qui parle d'une absence de goût de vivre et aussi de la douleur de vivre.

Mots-clés: Cornelio Penna. Dodôte. Mélancolie. Sujet mélancolique.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I CORNELIO PENNA: CIRCUNSTÂNCIAS	10
1.1 TRAÇOS BIOGRÁFICOS	10
1.2 A FORTUNA CRÍTICA	11
1.3 A OBRA REPOUSO	22
CAPÍTULO II OS SENTIMENTOS DE DODÔTE	25
2.1 A PROBLEMÁTICA DO CASAMENTO	28
2.2 ESPELHO MEU	40
2.3 SENTIMENTOS EM CONSTANTE OSCILAÇÃO	42
2.4 A CULPA EM DÔDOTE.....	51
2.5 O IMPACTO DA MORTE DE URBANO SOBRE DODÔTE.....	54
2.6 A DEVASTAÇÃO DOS SENTIMENTOS RECOLHIDOS	59
CAPÍTULO III DODÔTE E O MUNDO	66
3.1 MARIA DO ROSÁRIO	67
3.2 A INVEJA	68
3.3 MARIA DO ROSÁRIO E DODÔTE: COMPLEMENTARES.....	72
3.4 A MULHER SOLTEIRA, A MULHER CASADA	75
3.5 MARIA DO ROSÁRIO: O IMPULSO EXTERNO	78
3.6 DODÔTE, DONA RITA E CHICA	79
3.7 CHICA	80
3.8 DONA RITA.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
OBRAS CITADAS	87

INTRODUÇÃO

Das manifestações dos sentimentos humanos aquelas que mais se aproximam da morte trazem uma repulsa natural aos que procuram refugiar-se do tema. Pensar na morte não é natural ao homem, quase toda sua existência é voltada à plenitude da vida e não à sua finitude. A morte geralmente é vista como a fragilidade ou falência do outro ser e dificilmente pensa-se na própria morte, pois traria um difícil exercício a quem o fizesse.

Em se pensando na morte como a morte do outro, sua representação nas artes não se faz sempre trágica, pois está distanciada de quem a pensa, assim pode-se ver as manifestações da morte como algo cômico. No entanto, o tom lúgubre comumente relacionado à morte deve-se talvez pela falta de propriedade ou familiaridade que o homem pode ter ao falar da morte. O que acontece depois da morte é uma incógnita, o que de certa forma faz florescer a insegurança de qualquer homem diante da morte, especialmente no campo religioso. No conjunto, fica evidente uma circunstância de enfrentamento da fragilidade do ser humano, daí a constante ponderação sobre o tema nos momentos que se seguem ao falecimento de alguém. Aquele que resta vivo ou que se sente deixado manifesta, como se sabe, um tom melancólico, tristonho, padecido, tanto pela ausência do outro quanto pela qualidade de sua própria fragilidade, agora inseguro pela maior solidão.

A melancolia aproxima o ser do fim, pois o sujeito melancólico padece de um estado de não consonância com o resto do mundo e, principalmente não há paz interior. Ele não consegue obter a plenitude de sua vida, há sempre a ausência e a solidão, pois seus sentimentos ímpares dificilmente são compartilhados ou entendidos. Trata-se, então, da aproximação da morte ainda em vida, muito embora o sujeito possa estar repleto de saúde física; ainda sim, sua alma é carente de repouso.

Esta dissertação pretende analisar os entraves vividos pela protagonista Dodôte na obra *Repouso* (1948) de Cornelio Penna, por meio do grande desnudamento de sua alma que o romance oferece, enquanto um sujeito melancólico que traz fortíssimas dores em todas as etapas de sua vida. Dodôte é um ser totalmente distante da felicidade, ou de qualquer ideal voltado à felicidade, seus atos sociais são quase mecânicos e guardam a expectativa de que em algo ou em alguém esteja escondido seu sopro de paz.

Ao longo da dissertação, pretende-se evidenciar não só essa qualidade da personagem Dodôte em *Repouso*, mas também caracterizar inicialmente a fortuna crítica existente sobre Cornelio Penna. Importa também evidenciar de que maneira as outras personagens, especialmente aquelas femininas, acabam por interagir com Dodôte, vez que todas se sentem parte de um universo marcado pelos valores patriarcais, nos quais fica evidente o papel secundário e acessório da mulher. Ainda que se possa evidenciar a figura do marido de Dodôte, Urbano, como também alguém melancólico, salta muito aos olhos o fato do romance circular ao redor da escavação psicológica de Dodôte, na busca da compreensão de si mesma, obscurecida sua participação no mundo pelas condições opressivas da sociedade patriarcal. A figura de Dodôte se torna mais singular quando deixa entrever o seu posicionamento diante dos outros, a se debater entre o que percebe intimamente como seu ser e aquilo que os outros dizem que é. Em essência, quer-se aqui tratar de Dodôte enquanto uma das grandes personagens femininas do romance psicológico brasileiro.

CAPÍTULO I

CORNELIO PENNA: CIRCUNSTÂNCIAS

1.1 TRAÇOS BIOGRÁFICOS

O autor de *Repouso* nasceu em 1896 em Petrópolis, Rio de Janeiro, mas viveu grande parte da infância em Itabira, Mina Gerais, o que marcou sua infância e mais tarde se tornou influência em sua obra. Prova marcante da presença da cidade como marca na vida do autor é que alguns de seus livros são dedicados à cidade e algumas de suas narrativas ganharam forma das histórias ouvidas na infância, como Penna declara em entrevista:

uma parenta de Itabira veio de novo para me contar as mesmas velhas histórias, mas já agora com vida, com sangue, no tumulto de sentimentos que se agitavam de todo aquele silêncio, de toda aquela serenidade endolorida das conversas tão misteriosamente doces do regaço materno. Para me livrar dela, para desabafar a compreensão devoradora que me fazia perder noites inteiras, pensando no que tudo aquilo representava de verdadeiro Brasil, de humanidade muito nossa e palpitante, eu comecei, por minha vez, a contar a meus amigos o que sabia e os sentimentos que me provocavam, e lhes pedia que escrevessem sobre a alma de Itabira, que resumia a do Brasil, que tão ferozmente se destrói a si mesma, deixando perder um tesouro preciosíssimo. (ADONIAS FILHO, 1958, p. xl)

Formou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, em 1919, mas não chegou a exercer a profissão. Antes de embrenhar-se pela literatura, foi colaborador em alguns jornais cariocas nos quais desenvolveu trabalhos relacionados à ilustração, teve passagem pela carreira pública em uma repartição e um breve cargo de diretor do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal (UDF). Após uma crise em 1928, passa a desconsiderar as artes plásticas e dedica-se com exclusividade à literatura até sua morte em 1958.

Em 1935 publicou *Fronteira*, seguido de *Dois Romances de Nico Horta* (1939), *Repouso* (1948) e *A Menina Morta* (1954). Casou-se aos 47 anos com Maria Odília, teve uma vida bastante reservada e gostava de ficar em casa na companhia

de sua esposa, era bastante introspectivo e raramente participava dos festejos sociais. A aversão e a quase reclusão de Cornelio Penna pode por vezes ser assemelhada a sua escrita, mas para ele mesmo a tentativa de analisar um autor para que se possa entender sua obra não é algo profícuo: “Tudo o que deve persistir deles [dos escritores], em minha opinião, é somente sua obra de ficção. Viverá só em seus personagens. Como disse em um artigo que escrevi há muitos anos, deixemos apodrecer em paz os corpos dos nossos autores” (ADONIAS FILHO, 1958, p. lxii).

1.2 A FORTUNA CRÍTICA

Ao ser iniciado o contato com a fortuna crítica sobre a obra de Cornelio Penna, passa-se a perceber que sua obra é pouco privilegiada em relação aos estudos literários, apesar de seu valor. Além de ser autor pouco estudado e mencionado pela crítica literária, a publicação de suas obras também sofre certo distanciamento do grande público, o que faz com que não tenha tanta visibilidade em relação a outras obras de sua época.

Um dos pontos que talvez expliquem o isolamento dado à obra de Cornelio Penna é o fato de que sua temática dista da que foi produzida na década de 1930, em que o tema do regionalismo estava em voga. Comparada ao regionalismo, sua obra é classificada como intimista, misteriosa e lúgubre. O gosto de Cornelio Penna por temas que tratam de questões existenciais, de maneira peculiar, poderia explicar seu afastamento do grande público, já que trata geralmente de sofrimentos íntimos das personagens; nessa revelação dos “sofrimentos da alma” relacionados ou não à morte, há também pouca preocupação do narrador em explicitar para o leitor a sequência de acontecimentos ou dos pensamentos das personagens. São lacunas textuais que causam mistérios que ficarão em aberto diante de uma textura densa vinda da complexidade de cada personagem. Não se deve concluir que a obra tenha distinta qualidade por ter um

tom lacunar, mas sim essa qualidade pode justificar a reduzida familiaridade do grande público com Cornelio Penna.

Se o levantamento sobre a obra corneliana acaba por produzir pouco resultado, cabe ressaltar o que vem sendo dito a seu respeito. *A perversão do trapezista: o romance em Cornelio Penna* de Luiz Costa Lima, um dos poucos estudos de maior fôlego sobre a sua obra, senão o único, aponta a curiosidade do leitor para o clima de mistério e fantasmagórico e que tal obra, segundo o crítico, mesmo carregada de mistério, fantasmas e de grande carga psicológica, não faz parte de uma literatura gótica. O autor visita todas as obras cornelianas, ainda que em menor escala o romance *Repouso*.

No caso, sua análise explora questões de cunho histórico-social e sua preponderância na obra; pontualmente trata da questão do rearranjo social que estava se formando e que é caracterizado pelo esvaziamento da vida do campo e a aproximação da vida na cidade. É em *Repouso*, por exemplo, o caso da saída da fazenda Jirau para a ida da família para a casa da Ponte. Este movimento é apontado como ponto histórico significativo, pois denota o clima de decadência generalizada, não só econômica, como também do comportamento das personagens. A fazenda Jirau está entregue aos cupins, assim como depois a casa da Ponte também revela suas marcas de negligência. O cenário e a sua influência, bem como sua relevância, são tomados como ponto comum nas obras cornelianas; há também a descrição arrastada, o estilo minucioso, pesado e fantasmagórico.

O sistema patriarcal em *Repouso* é preponderante, ainda que possa haver algum enfrentamento; a caracterização da personagem Dona Rita mantém esse viés patriarcal, vez que ela mesmo como mulher assume o lugar que seria concedido ao avô ou outro homem da família. E ainda na mesma obra, Costa Lima julga ser a incapacidade de viver o presente a constante mais superficial da obra. Há no romance a sensação de culpa, de ilegitimidade, o que abre aos personagens três possibilidades: a fuga, a loucura, ou a morte. O casamento entre Urbano e Dodôte

é bastante discutido, tanto pela questão social em que está inserido, como também pela relação de duplo estabelecida entre a primeira mulher de Urbano e Dodôte.

A obra corneliana é, assim, circundada por dois tipos de enigmas, o primeiro é aquele que não pode ser decifrado pela sua ausência de elementos e o segundo é o que se releva poroso, passível de ter seus nós desfeitos. Por fim, Luiz Costa Lima julga ser *Repouso* um fracasso que teria uma das suas explicações na ausência de condutos verticais a relacionar o enunciado com a camada significativa que o sustenta, que ainda parece explicar a diferença entre *Repouso* e *A Menina Morta*.

Ao fazer a classificação da obra de Cornelio Penna, Afrânio Coutinho a percebe como voltada à análise psicológica das personagens e ao tom introspectivo, além de dizer que a obra corneliana seria uma reação ao romance do nordeste; ele considera Cornelio Penna um sucessor de nomes da literatura brasileira como Machado de Assis e Raul Pompéia, além de aproximar sua obra a de Dostoiévski:

Dotado de singular capacidade de análise introspectiva, criou personagens de grande realismo e complexidade, situando-os, além do mais, em ambiente de densa atmosfera, soturnos, próprios ao desenrolar dos enredos e episódios que narra numa linguagem seca, objetiva e direta. Seus romances possuem grande significação simbólica, situando-se na zona de “fronteira” em que se procura fazer sondagens sobre o mistério da vida, das pessoas, dos fatos. (COUTINHO, 2001, p. 1234)

No meio acadêmico, a obra de Cornelio Penna também não ganha grande notoriedade e são escassos os trabalhos que se propõem a analisá-la, exceto feito a três dissertações (UNICAMP, UERJ, UEL) e uma tese (USP). André Luís Rodrigues, em sua tese “Fraturas no olhar: realidade e representação em Cornelio Penna” (2006), propõe uma análise sobre os quatro romances do autor de *Repouso*. Ele a inicia tratando do escasso estudo atribuído a Cornelio Penna e mencionando também dificuldade de acesso às suas publicações, tomando como ilustração a história da editora Artium que fora aberta na expectativa de reeditar as obras de

Cornelio Penna. O texto propõe ressaltar alguns aspectos fundamentais das obras cornelianas, que podem ser relevantes e encontrados na maioria das vezes em todas as obras citadas. Como exemplo de um desses aspectos é apontado o ambiente que tem real relevância nas três primeiras obras, a cidade de Itabira na região de Minas Gerais; já no quarto romance o espaço passa a ser o Vale do Paraíba. O texto analisa também o uso da mão-de-obra escrava na maioria dos romances e como se dá a relação entre o escravo e o homem branco, mais particularmente nos romances *Fronteira* e *Repouso* em que se busca especular sobre a figuração do negro e sua maior relevância dentro da obra. Em *A Menina Morta*, analisa-se o papel do negro agregado e do proprietário.

Fala-se ainda sobre a recorrência de alguns temas na obra de Cornelio Penna e como essa recorrência pode representar a manifestação de algo determinista e mecânico. Exemplo disso são os relacionamentos entre negros escravos e ex-escravos que aparecem em todos os romances, mesmo que em alguns de maneira bastante pontual. Segundo o texto, o romance que Cornelio Penna dá maior força à relação entre branco e negro é *Repouso*, na relação entre Dodôte e Chica. O texto ressalta o fato de o romance expor com maior apuro um negro como participante de um diálogo de maior fôlego, ou seja, é dada voz a um tipo que era preterido anteriormente, vez que Chica é presença constante ao lado da protagonista Dodôte.

O texto de Rodrigues traz ainda uma análise do romance *A Menina Morta* adjetivada como a obra-prima de Cornelio Penna, partindo da sua importância do romance pelo contexto histórico-social. Tal relevância se daria pela abordagem da escravidão, nas divisões dos sujeitos, nas máscaras, nas ações maquinais e como essas divisões se relacionam no sistema escravista. Por fim, o autor do texto enfatiza a necessidade de que se veja a literatura e a obra literária de Cornelio Penna por meio de um vínculo inevitável que todas as obras têm com a realidade.

A dissertação “Em busca da alma de Itabira: uma leitura de Penna” de Marcelo Tadeu Schincariol (UNICAMP 2001) propõe analisar a recepção crítica de três romances de Cornelio Penna – *Fronteira*, *Dois romances de Nico Horta* e *Repouso* – e em que medida a crítica brasileira libertou-se dos parâmetros estéticos do (neo) realismo ao tratar a singularidade da representação da realidade nos romances propostos.

O primeiro capítulo é destinado às peculiaridades do autor, à sua introspecção e à marginalização que foram conferidas aos romances de Cornelio Penna. Em outro capítulo, são feitas considerações acerca da representação da cidade de Itabira, principalmente em relação às críticas feitas que conseguiram romper com o olhar estreito da noção de realismo, mas que não se eximiram do apego aos critérios estéticos realistas. São levadas em consideração críticas a Cornelio Penna que ressaltam sua originalidade temática, assim como o ritmo da escrita, a representação dos cenários e objetos dentro das obras. Em relação ao processo de representação da realidade nos romances, foca-se a narrativa em terceira pessoa, com mais atenção ao modo como as personagens percebem e registram o mundo a sua volta e qual o papel desse narrador.

Na análise do romance *Fronteira*, o narrador é tratado em maior consideração em relação a suas articulações no texto, assim como a análise do leitor e suas possíveis percepções ou ações de co-autoria. Já sobre *Dois romances de Nico Horta*, trata da proximidade entre narrador e personagens e de como o narrador se configura dentro do romance. *Repouso* se distingue dos demais romances de Penna, vez que o narrador é mais presente. As personagens, em especial Dodôte e Urbano, sofrem de um “desligamento voluntário” advindo da incapacidade de se relacionarem com o mundo, resultando por consequência em processo de fuga por parte dessas personagens que não conseguem se enquadrar. Elas passam ainda por um descompasso entre realidade interna e externa. Um dos fatores que provavelmente auxiliariam na relação peculiar que elas têm com a realidade seria o uso de diálogos entrecortados e muitas vezes indecifráveis. O narrador por muitas

vezes permanece no anonimato conferindo a Dodôte e a Urbano o papel de narradores desse romance.

É comum constatar que, em meio a aflições e questionamentos das personagens, o papel do narrador é diluído. Ainda que o narrador seja quem mostra o que acontece na mente das personagens, ele o faz com certa distância, mostrando-se como intermediário. O narrador tem acesso ao que se passa nos pensamentos das personagens, mas não procura explicar. Com o lugar do narrador colocado mais distante das personagens, a impressão passada é que ele é mais consciente da história do que quer contar, já que se perde com menor frequência no fluxo de consciência das personagens. Por fim, o texto faz referências a críticas que comparam as personagens dos romances cornelianos com o contexto social, ou seja, uma representação da dinâmica das classes sociais, além do viés religioso que possui críticas pautadas em leituras católicas que chegam a classificar as personagens como seres em constante estado de pecado, que seria a causa do estado atormentado delas.

“Figurações da morte em *A Menina Morta* de Cornelio Penna”, escrita por Denis Martins (2010), analisa esse romance por meio das significações da morte e de seus alcances como o luto e como se arranjam os sentimentos dos que permanecem vivos. Inicialmente o texto trata do rito funerário na obra. Antes, porém, analisa a representação da morte em relação ao homem, assim como o papel socializante da morte; são levadas em consideração perspectivas como a morte religiosa em fundamentos do cristianismo e os seus rituais funerários, especificamente os católicos. O rito funerário em *A Menina Morta* tem início no primeiro capítulo do romance e termina no décimo terceiro com a preparação do enterro da menina que dá nome à obra.

O texto tece considerações acerca das mortes infantis no Brasil durante vigência do patriarcado e aponta que o romance não esclarece o motivo da morte da menina e nem seu nome. A estrutura patriarcal dentro do romance é bastante ressaltada tendo em vista cada integrante da família transitar diante de sua

representatividade e qual o peso de cada um. O texto utiliza da psicanálise como forma de auxílio na interpretação literária; há um capítulo destinado ao entendimento e à distinção de luto e melancolia segundo Freud. A análise associada à abordagem psicológica auxilia no desvendamento dos sentimentos das personagens relacionados a frustrações passadas e à morte da menina, já que a morte e suas representações são pontos cruciais do romance. Ainda há um último capítulo apontando para a importância do espaço no romance em questão. São retomadas algumas teorias que já haviam sido ditas sobre o espaço e como se configura a sua relação na narrativa e a relevância que tem para a obra *A Menina Morta*.

“Uma estética de Inextricáveis meandros: sombras e lacunas na ficção de Cornelio Penna”, de Carlos Eduardo Louzado Madeira (2009), estuda o romance *Frenteira* (1935). O texto é dividido em duas partes, a primeira ocupada em situar o leitor na localização dos fatos histórico-sociais mais relevantes ocorridos na época da obra, quando são apresentadas questões políticas e ideologias vigentes, como as relacionadas a Getúlio Vargas e ao poder da Igreja que já havia sido consolidado anteriormente. Segundo o texto, todo o painel político-social da época foi de extrema responsabilidade na dissociação entre autores regionalistas e católicos, embora faça um questionamento acerca da validade da categorização de romances católicos, o que poderia levar a uma precipitada generalização e a equívocos.

A segunda parte do texto detém-se na análise aprofundada da obra *Frenteira*, tomando como ponto característico o romance de cunho realista e psicológico. Esta parte do texto também enfoca a diferenciação entre Cornelio Penna e os demais escritores da época: o uso da narrativa lenta e a permanência de um universo fantasmal gerado pelas lacunas deixadas por espaços vazios acompanhados da falta de explicação existente em alguns eventos descritos. Ainda são levantados aspectos relevantes como a introspecção característica do romance e

a desarmonia entre personagens e espaços, que auxiliaria na análise e classificação da obra.

Na fortuna crítica mais acessível, o volume da coleção *Nossos Clássicos* dedicado a Cornelio Penna trata do contexto-histórico desde o nascimento do escritor: a guerra do Paraguai, a abolição da escravatura e a proclamação da República, fatos que teriam influência na obra do romancista. Assim, faz-se uma associação entre o cenário escravocrata da época e o romance *A Menina Morta*. O momento da vida de Cornelio Penna que parece ser problemático e tomado por momento de crise, aos seus 18 anos de idade, poderia assim ser explicado por acompanhar as notícias da guerra neste período.

O plano social é tido como grande ponto de interferência na vida do autor. Situações sociais que preocupavam Cornelio Penna podem ter sido talvez geradoras do dito marginalismo estético e político do autor: “Isola-se em si mesmo para, de toda a agitação social e estética, retirar apenas o conteúdo humano” (ADONIAS FILHO, 1960, p. 8). Esse isolamento teria feito com que Cornelio Penna fosse atraído por questões metafísicas. A singularidade das obras de Cornelio Penna em relação aos demais romancistas de seu tempo se manifesta por esse veio existencialista, como se depreende da afirmação de Adonias Filho: “sendo ele o primeiro a atingir o roteiro existencial em consequência da problemática que se enraíza no coração humano” (1960, p. 9).

Algumas características relevantes comuns às obras são apontadas, como a singularidade de personagens como Maria Santa, Nico Horta, Dodôte e Carlota que, mesmo tomadas de humanidade comum, são representações da escavação que o autor faz na invasão do humano. Aponta-se, ainda, para o tipo de linguagem e para a lentidão da narrativa das obras de Cornelio Penna e o fato de todas as personagens serem reflexivas em seu comportamento mental, confirmando o roteiro psicológico do qual o autor jamais se afasta. O restante da obra em questão traz excertos de cada romance de Cornelio Penna ressaltando

assim episódios ou personagens relevantes. Ao fim da obra são trazidos julgamentos críticos referentes à obra de Cornelio Penna.

O artigo “Angústia e fantástico no romance de Cornelio Penna” de Maria Aparecida Santilli (1964) inicia com a classificação de Cornelio Penna como o novo representante do romance de sondagem psicológica que busca captar o ponto nevrálgico dos conflitos interiores, diferentemente da abordagem da linha regionalista em voga na década de trinta. Um dos pontos ressaltados da temática corneliana é a solidão como forma de propulsão para o mergulho interior; esse isolamento leva o ser ao inteiro divórcio da realidade exterior. Apontam-se também a relevância das personagens que conformam o mundo por meio de seus próprios ângulos e a narrativa bastante lenta de Cornelio Penna; *Dois romances de Nico Horta e Fronteira* parecem ter maior custo de desenvolvimento do enredo quando comparados com *A Menina Morta* e *Repouso*.

A temática das obras de Cornelio Penna, de forma geral, se faz pelas dores choradas largamente por todas as personagens. É comum a essas personagens o isolamento associado a um desligamento da realidade e até o rompimento com o plausível, o que faz conjecturar sobre as dificuldades vividas pelas personagens ao tentarem qualquer relacionamento com o mundo exterior: “Se Maria Santa é uma sepultada – viva, de certa forma Nico Horta, Dodô e Carlota também o são. Entregues à luta interior que os angustia, o mundo fora de si mesmas não lhes é mais que escravização do espírito” (SANTILLI, 1964, p. 161). O mundo que se despe para as personagens de Cornelio Penna é o drama e instaura-se na tentativa das personagens de conciliação com o mundo. Os conflitos interiores das personagens conferem ao romance de Cornelio Penna uma singularidade na literatura brasileira.

O tom fantástico dentro dos romances cornelianos é dado por elementos exteriores como folhas que murmuram dia e noite e até mesmo objetos que se convertem em fontes de mistério, fatos inexplicados e inexplicáveis. No entanto, Santilli lembra que o fantástico do romance de Cornelio Penna não pode

ser considerado como o fantástico do romance de aventura, pois o fantástico do autor provém das incertezas e pavores da mente humana. Ao fim, ela aponta a qualidades do trabalho de Cornelio Penna a partir do momento histórico e do registro da angústia das personagens.

Além das fontes citadas, há dois artigos publicados no *Minas Gerais: Suplemento Literário*: “Cornelio, o de Itabira” de Guilhermino César (1974) e “Cornelio Penna” de Xavier Placer (1977). O texto de Guilhermino César, registro testemunhal, caracteriza o lugar onde Cornelio Penna morava, a casa era muito feia, tudo ao seu redor se renovava e só a casa de Cornelio Penna resistia às mudanças. César diz em tom jocoso que em determinado dia fez uma excursão pela casa de Cornelio Penna acompanhado de sua esposa e um casal de amigos. O que acharam interessante na casa é que tudo possuía um tom misterioso e sombrio; ele narra as pinturas feitas por Cornelio Penna que serviam como decoração para a casa e ao mesmo tempo retratavam histórias tristes e lacunares de pessoas de Itabira. Durante a visita feita a Cornelio Penna, houve muita conversa na maneira como se prozia nas velhas cidades mineiras. O texto ainda ressalta que nenhum mineiro de nascimento conseguiria registrar em termos de romance introspectivo os movimentos de defesa da alma e as ambições recalçadas, entre tantos outros termos retratados por Cornelio Penna sobre a gente de Santa Bárbara, Mariana, Ouro Preto e Itabira. Neste espaço, Cornelio Penna colheu a sua melhor matéria romanesca, valendo-se de sua memória de menino, dando, assim, voz a seres taciturnos que não faziam perguntas à vida. O texto termina relatando a consternação que a morte de Cornelio Penna causou e as lembranças vividas na visita de Guilhermino César a Cornelio Penna, que deixaria marcas na memória, além das marcas já deixadas nos romances sobre a atmosfera de Minas.

O texto de Xavier Placer inicia com um recorte de nota de jornal que trata do falecimento de Cornelio Penna, como também de sua biografia ressaltando que o autor fora um dos mestres do romance de introspecção com extraordinária densidade, concisão de forma e que tais características fizeram com

que os romances do autor não pudessem tocar a sensibilidade do grande público. Só através dos leitores capacitados e da crítica voltada a Cornelio Penna que ele poderia ser reconhecido como escritor de alta categoria. Xavier Placer relata que não teve contato com Cornelio Penna, mas o vira na rua em um determinado dia e passa a narrar a percepção que teve do escritor. Sobre a obra romanesca de Cornelio Penna, o texto a percebe como uma das melhores obras em uma lista sobre as obras do Modernismo, ao lado de autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, entre outros.

Fronteira é o romance em que o autor se detém em suas considerações e classifica-o como uma obra-prima, pois é como uma música com períodos de fôlego e ritmo amplo, severamente pontuados e ainda com grande uso de polissílabos – sobretudo em advérbios terminados em “mente”. A parte formal da obra *Fronteira* é bastante elogiada. Há uma breve análise sobre *Fronteira* que destaca as múltiplas habilidades do autor para compor os elementos da obra. Placer combate a crítica feita a Cornelio Penna por Mario de Andrade, dizendo que existiu brutal dose de incompreensão com uma ponta de má vontade da parte de Andrade ao julgar a obra corneliana como romances de antiquário. Ele afirma ainda que a obra de Cornelio Penna só pode ser vista por olhos iniciados, condenando assim as análises sobre *Fronteira* que tratam a obra como misticismo. Ao fim do texto, Placer afirma que a classificação dada à *Fronteira* como livro demoníaco ou santo pouco importa, pois a verdade é que se trata de uma obra autêntica que exprime a evolução novelística brasileira.

Se poucos são os estudos que tratam da obra de Cornelio Penna, mais escassos são os que tratam unicamente do romance *Repouso* sem que esse venha a ser comparado ou confrontado com outra obra literária.

1.3 A OBRA *REPOUSO*

Terceiro romance da obra de Cornelio Penna, traz a história de Dodôte – Maria Dores – que com a idade de 30 anos vê-se solteira e morando com seus avós e empregados. A personagem passa seus dias sem grandes expectativas diante da vida. No início do romance, apenas os avó e a empregada fazem parte do cotidiano de Dodôte, logo depois se tem notícia do primo Urbano. Ele havia se mudado para outra cidade com o intuito de estudar e acaba, com isso, promovendo o descontentamento de sua família de duas formas; a primeira quando decide sair da cidade para estudar e conseqüentemente deixa de lado a Botica que fora de seu pai, ou seja, o bem da família é abandonado. A segunda forma de descontentamento é seu casamento com Maria do Carmo. O desgosto em relação ao casamento de Urbano vem do fato de que, quando jovem, Urbano havia se comprometido a se casar com Dodôte para o contentamento da família.

Com o passar do tempo, Maria do Carmo falece e Urbano descobre-se doente. Depois de consultar muitos médicos que haviam diagnosticado o estado grave de Urbano e retirado qualquer esperança de salvação, ele encontra em outro médico um novo sopro de esperança, que não havia encontrado em nenhum outro. Segundo diagnosticou esse médico, a cura poderia estar na vontade de viver de Urbano, em sua tentativa de buscar a felicidade. É a partir dessa nova expectativa que Urbano decide voltar a Itabira.

No retorno à casa da família, Urbano encontra o avô prestes a morrer, o que ocorre pouco tempo depois da sua chegada. Algumas coisas viriam a se modificar dentro da família com a morte do avô patriarca e com a viuvez de Urbano; Dona Rita, a avó, vê, enfim, a possibilidade de realizar o casamento de Dodôte e Urbano. Ela já havia passado da idade de se casar e Urbano acreditava que o casamento seria parte fundamental para a busca da felicidade, que poderia lhe trazer a cura de sua doença já em fase agravada; assim, o casamento é proposto.

Esse casamento se torna uma idealização para as várias personagens, vez que para cada membro da família ele simboliza uma conquista diversa: para Dodôte, seria a representação de um sopro de vida nova além de assegurar a normalidade perante a sociedade; para Urbano, seria a busca da cura de sua doença em outro meio; e para a avó seria a certeza de, já ao fim da vida, deixar assegurada a continuação da família diante de sua morte iminente. Durante algum tempo do casamento, Urbano e Dodôte parecem ter um bom relacionamento. Urbano retoma os trabalhos na botica da família e Dodôte faz companhia ao marido na maior parte do tempo. Com o agravamento da doença de Urbano o afastamento entre os dois cresce dia a dia, não só no plano físico, mas também no campo das ideias e pensamentos. Após algum tempo de casados, já bastante debilitado pela doença, Urbano falece.

O luto é sempre uma constante na família de Dodôte, o que justificaria a utilização frequente de roupas ltuosas pela personagem, mas há um agravamento no estado de espírito de Dodôte após a morte do marido. Dodôte fica gravemente doente e chega a ser tida como morta. A morte iminente de Dodôte causa grande sofrimento na avó e a empregada, as duas pessoas mais próximas e que a acompanharam durante toda a vida. É à beira da morte que Dodôte tem a notícia de que estaria grávida. De forma bastante inesperada, Dodôte reage a seu estado de moribunda e, após um breve período, começa a esboçar melhoras; porém mais uma morte acomete a família, dessa vez a da avó, Dona Rita. O filho de Dodôte nasce muito doente, mas ela acredita que é nele que está o seu repouso merecido.

Repouso destaca-se por manter em toda sua extensão o tom bastante lúgubre, gerado, muitas vezes, pela recorrência do luto e pela constante melancolia das personagens. É por meio da ideia de melancolia que se pretende aprofundar o entendimento das personagens e suas relações com o resto da sociedade.

A ênfase deste trabalho será sobre a obra literária em si, caracterizando a constituição das personagens, tendo em vista que são o tom

norteador da obra. Não bastaria, no entanto, analisá-las de uma forma homogênea, já que a personagem Dodôte se difere muito das demais personagens. Desta forma, é necessária uma análise de Dodôte e outra das demais personagens, sem excluir, contudo, a relação importantíssima entre as várias personagens, já que são fontes complementares entre si, enfatizando sobretudo o viés melancólico que as acompanha. Para revelar as nuances das personagens, buscar-se-á explicar o comportamento delas como plausível ou factível, mesmo tratando-se de ficção, sendo que no tocante à melancolia, a elucidação desse sentimento se dará a partir de Marie-Claude Lambotte e sua obra *Estética da melancolia*.

CAPÍTULO II

OS SENTIMENTOS DE DODÔTE

Sou como um camarim onde há rosas fanadas,
Em meio a um turbilhão de modas já passadas,
Onde os tristes pastéis de um Boucher desbotado
Ainda aspiram o odor de um frasco destampado.

Nada iguala o arrastar-se dos trôpegos dias,
Quando, sob o rigor das brancas invernias,
O tédio, taciturno exílio da vontade,
Assume as proporções da própria eternidade.
- Doravante hás de ser, ó pobre e humano escombrol
Um granito açoitado por ondas de assombro,
A dormir nos confins de um Saara brumoso;
Uma esfinge que o mundo ignora, descuidoso,
Esquecida no mapa, e cujo áspero humor
Canta apenas os raios do sol a se pôr.

(Baudelaire, 1928)

Para realizar a análise da personagem Dodôte, do romance *Reposo*; é necessário tentar esclarecer as peculiaridades que fazem com que essa personagem possa ser classificada como melancólica. É levada em consideração a visão que a personagem tem de seu mundo e como ela acredita interferir ou não nele, seus pensamentos e sentimentos são revelados no sentido de demonstrar qual o julgamento que a personagem faz de si mesma. A visão que a personagem tem de si mesma carrega grande importância, pois é a partir dela que o romance se constrói, é através da visão de Dodôte que se tem o desvendamento da realidade, mesmo com a possibilidade dessa realidade ter sido modificada. Há inúmeras vertentes que podem ser abertas para que se possam explorar as peculiaridades da personagem e seus sentimentos; assim como no poema de Baudelaire acima, não basta apenas um caminho, ou um adjetivo, capaz de classificar o ser melancólico, é necessário também o entendimento das peculiaridades de seu espírito que faz dele um ser melancólico.

O olhar do melancólico perante o mundo é peculiar em relação ao das outras pessoas, seu posicionamento diante das ações também. A análise

pretende esclarecer como a autoimagem de Dodôte esclarece quem ela pensa ser, ou a ideia que projeta de si mesma. Às demais personagens caberá, no momento, não uma análise estreita e apurada, mas são consideradas no tocante à observação de como o comportamento de Dodôte é percebido pelos demais.

Cabem antes alguns esclarecimentos sobre o termo melancolia, já que se pretende cotejar as classificações da melancolia com a própria personagem. O termo provém do grego μελαγχολία - melagkholia; de μέλας - mélas, "negro" e χολή - cholé, "bílis", e possuiu diferentes classificações ao longo da História, a partir da sugestão inicial de Hipócrates no século V a.C que a definiu como uma doença teorizando sobre os quatros humores corporais: sangue, fleugma, bílis e a bílis negra. Tais humores seriam responsáveis pela representação do estado da saúde do indivíduo, se estivesse em bom estado seria classificada como eucrasia e se ruim discrasia.

É necessário não esquecer que Sigmund Freud, em sua obra *Luto e melancolia* (*Trauer und Melancholie* 1917), classificou esse sentimento com base nos seus estudos voltados ao superego. Para ele, a melancolia tinha semelhança com o luto, muito embora seu diferencial fosse o de que a melancolia não tratasse necessariamente da perda, a não ser de uma perda narcisista. Atualmente a melancolia pode ser diagnosticada seguindo as referências do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais que sugere como sintomas da melancolia:

A. Pelo menos um dos dois:

- falta de prazer nas atividades diárias;
- desânimo como reação a um estímulo agradável que em geral causaria prazer;

B. Pelo menos três dos seguintes:

- a falta de prazer e o desânimo não estão relacionados a um fato real que causaria tristeza natural (como no caso da morte de um próximo);
- a depressão é agravada na parte da manhã;

- o despertar é adiantado pelo menos em duas horas em comparação ao usual;
- profunda agitação psicomotora ou languidez intensa;
- perda de peso significante ou anorexia;
- sentimento de culpa constante e inapropriado.

É válido ressaltar a representatividade simbólica da melancolia pelo ser feminino, incluindo aquela presente no romance cuja protagonista feminina é a mais representativa e significativa do tom melancólico da obra. A História relata com bastante recorrência a relação entre a representação da melancolia e o mundo feminino, como é o caso da obra de Hans Sebald Beham intitulada *Melencolia*. Para Freud a possível explicação dessa proximidade entre a figura feminina e a melancolia seria a inveja da mulher do pênis e o temor da castração; possivelmente seria a falta que a mulher carrega que a poria em condição desprivilegiada em relação ao homem, algo que teria tornado possível durante muito tempo a associação da melancolia com a da mulher.



O retrato da mulher na literatura durante muito tempo foi bastante linear, dado o pouco valor social conferido a ela. Nas cantigas de amigo, talvez o marco inicial da representação da melancolia em língua portuguesa, a mulher enquanto voz do poemática aparece como um ser melancólico, ainda que se anote que não era ela quem escrevia o poema. Em sua vida havia se instaurado grande tristeza com a partida de seu namorado ou amante. Em momentos posteriores à Idade Média, a mulher na maioria das vezes tem na literatura um papel secundário ao homem e geralmente seu valor está relacionado a sua beleza ou às convenções sociais às quais deveria submeter-se.

Em termos gerais, pode-se afirmar que a figura feminina na literatura tem estado em sua maior parte sujeita à visão masculina, reduzida ao que o homem vê, o que a mulher realmente pensava ou sentia não era de qualquer interesse, o primordial era o que se supunha ser a voz feminina. Com o passar do tempo e com a ênfase dada ao indivíduo e ao seu pensamento, há um interesse maior sobre o que se passa na alma da personagem; é neste momento que as personagens ganham densidade psicológica e um apuro maior em suas questões existenciais. Com o interesse pelo que se passa nas dores da personagem, como é o caso de Cornelio Penna, tem-se então o aprofundamento na alma de uma mulher profundamente melancólica.

2.1 A PROBLEMÁTICA DO CASAMENTO

Ao se observar a personagem Dodôte, como representação da mulher melancólica, é necessário tomar em conta alguns fatores, como a idade, solteira aos trinta anos, e a falta de convívio social. A obra traz a imagem de uma mulher bastante sozinha, totalmente restrita ao convívio com outras mulheres, sem participar de qualquer tipo de festa ou comemorações. O narrador salienta a idade de Dodôte, que tendo trinta anos ainda encontrava-se solteira, fato não bem visto pela sociedade daquela época:

Compreendia agora, confusamente, porque os anos tinham passado vertiginosamente, sem conta, uniformes, e ela não os vivera, não se apercebera deles, e via, de repente que chegara a uma idade em que as mulheres já realizaram a sua missão. Contava e via que trinta anos... trinta anos, e só assim se fazia luz em seu coração, e sabia afinal por que ele não despertara ainda, e talvez estivesse morto... (RE 51¹)

A ideia de ver-se em conflito aos trinta anos não é nova em seguimento a certa atitude de construção familiar própria da tradição europeia; *Honoré de Balzac* já havia apontado o tema na obra *A mulher de trinta anos*, em que dá

¹ Nota bene: todas as citações textuais do romance *Reposso* foram feitas a partir da edição de 1998, pela editora Artium, usando a abreviatura RE e o número da página.

novo olhar à mulher de trinta anos, mais valorizada em relação às mulheres mais novas, revelando a grande importância do contexto social que inevitavelmente dita as regras e modela os costumes. Em *Repouso*, não há dúvida que o casamento é o grande mote aliado aos conflitos internos da personagem principal. Embora não seja contemporânea de nós, ainda se pode notar que o tema e suas reflexões são ainda importantes.

O romance inicia-se com Dodôte já viúva e rememorando os acontecimentos de sua vida. Nesse momento da narrativa ela encontra-se sozinha e observa a botica que fora de seu marido e diante dessa reflexão percebe seu estado no mundo de figura isolada e distante da realidade dos demais: “Mas, ninguém a via nem ouvia... e, de vivo, naquela sala mal iluminada, existia apenas aquele olhar sem calor, sem brilho” (RE 33).

Em espécie de analepse, depois das recordações de Dodôte, a narrativa trata de toda a vida da personagem, a começar pelo casamento de sua mãe, que já demonstra que a melancolia e a tristeza não eram exclusividades de Dodôte; o casamento da mãe de Dodôte fora bastante triste “viera de longe, sem família, sem ninguém, e nada trouxera em suas canastras para a noiva” (RE 36). Sinhá Dona, mãe de Dodôte, logo após o casamento viaja com o marido. Os demais familiares que permaneceram na fazenda não tiveram mais notícias de Sinhá Dona, ou como deixa a entender o narrador, não queriam mais falar sobre o assunto:

Talvez tivessem vindo cartas, que davam novas da viagem, depois, do nascimento dos filhos, depois da sua morte, mas todos evitaram falar nessas coisas, e o silêncio era já esquecimento, pois ninguém mais pensou em perguntar notícias de Sinhá Dona. (RE 37)

Dodôte aparece na fazenda dos avós em companhia de uma negra velha, ambas com vestes pretas e trazidas por um caboclo. Poucas são as explicações trazidas na narrativa do que teria acontecido para que Dodôte chegasse até a fazenda dos avós, mas conforme o texto traz “E Dodôte tomou o lugar

deixado por sua mãe” (RE 37), ou seja, a história dos pais de Dodôte fica incógnita, mas ela retorna à casa que era de sua mãe para permanecer com seus avós tomando o lugar de Sinhá Dona.

Os anos passados na fazenda esvaem-se com grande velocidade para Dodôte, sombrios e sempre iguais, denotando que o tempo favorecia a languidez da personagem. Nesse momento pode-se ver uma característica da personagem melancólica em que o passar do tempo não interfere em um sujeito alheio às particularidades necessárias à maioria das pessoas; o tempo não a preocupa, não a importuna, pelo menos não fizera durante muitos anos. Dodôte vive imersa em seus pensamentos, numa esfera particular distante das convenções de tempo:

Dodôte vivia mergulhada, a princípio em sua infância sem ecos, e depois no torpor de sua puberdade sufocada sempre entre a atividade monótona do terreiro e a invencível sonolência do pátio cercado pela casa irregular, onde se erguia o mirante. (RE 38)

O enfoque dado pelo narrador sobre a idade de trinta anos mostra a relevância sobre o tema diante de um julgamento social e também da própria personagem. Dodôte toma conhecimento da passagem dos anos e de sua localização no tempo e, conseqüentemente, do espaço que deveria preencher, pois passara tanto tempo distante de si mesma, que não podia se dar conta das necessidades que eram cobradas a sua volta. O deslocamento do corpo e a ausência social fazem de Dodôte um ser distante do palpável, distante do tempo real e da aderência às expectativas comuns. É sobre essa apatia do melancólico diante da vida que Lambotte ressalta:

Seu sofrimento reside alhures, na impossibilidade justamente de emitir o mínimo desejo, sufocado que está pela ideia fixa de achar-se perdido de antemão. Fora de seu corpo e de seu espírito, o melancólico não consegue mais julgar o alcance de seus raciocínios e cai na alucinação ou na apatia, por nunca ter aprendido seus limites fora da projeção. (2000, p. 83)

O isolamento é uma constante na vida de Dodôte, assim como o excesso de pensamentos, duas condições que apontam para a melancolia, assim caracterizada por Lambotte: “Doença do pensamento em excesso, é também a doença que mais leva a pensar, em outras palavras, que alimenta tanto a reflexão filosófica quanto a verve poética” (2000, p. 10). Mesmo que em companhia de poucas pessoas, o isolamento dentro de si mesma era inevitável:

Dodôte muitas vezes encerrava-se lá no alto, de onde se avistara a mata intensa e verde negra, e, por muitas horas, ficava isolada, toda entregue à alegria má de ficar só, de viver o longo pesadelo de sua excessiva felicidade... Estava acima de tudo e de todos, solitária entre o céu e a terra, e ninguém poderia vir arranca-la de seu reino. (RE 38)

É neste momento que Dodôte encontra-se distante de todos, fechada em si mesma, que se percebe onipotente, estava realmente acima de tudo *e de todos*, tanto no sentido geográfico, como também em sua justificativa de ser detentora de poder diante da ausência de outras pessoas.

Para uma pessoa melancólica, a segurança localiza-se na distância dos demais, o que não representaria ameaça, em uma comparação livre ao que disse a personagem Garcin, quase no final de *Huis clos* (*Entre quatro paredes*, escrita em 1944 e publicada inicialmente em 1947) de Jean-Paul Sartre: “O inferno são os outros”. Se a existência só seria comprovada por meio da convivência, isso revelaria o grande impacto dos *outros* em relação ao ser; mesmo sendo eles os possibilitadores da confirmação da existência, também são capazes de atrapalhar a compreensão da mesma.

Assim, para Dodôte o inferno faz-se nela mesma, por sua angústia e seu pensamento cíclico e exagerado, mas não deixa de sofrer influências externas, dos outros que, ao mesmo tempo em que a aterrorizam, também a definem. A escuridão que tem a vida de Dodôte é estabelecida, sobretudo, ou reestabelecida, de acordo com o contato com os outros. São os outros, aqueles que diferem das formas e dos pensamentos da personagem, que tem a intrigante força de revelar o

inferno desenhado diante de Dodôte. Talvez se pudesse existir um céu para Dodôte, ele se formaria na total solidão e não no confronto infernal com os outros.

Também é fonte da melancolia em Dodôte o que Aristóteles chama de *embriaguez* em *Ética a Nicômaco*, que é comparada à melancolia. Muitas vezes Dodôte embriaga-se de si mesma e de seus pensamentos, como no momento em que Dodôte, após ficar longo tempo reclusa por própria vontade, envolta em seus pensamentos, teria que voltar ao convívio dos familiares: “Quando descia e ia para junto dos seus, trazia ainda no corpo todo o torpor daquelas horas mágicas, que ela mesma não compreendia nem explicava a si própria” (RE 39).

A narrativa segue num saltar de tempo; depois da analepse do casamento da mãe de Dodôte e da ida da mesma para a fazenda dos avós, a narrativa passa a tratar do momento em que Dodôte e seus avós têm que se mudar para a cidade. A partida é extremamente dolorosa e Dodôte não entende o porquê da mudança. A família muda-se para a casa da Ponte, onde Dodôte já conseguia imaginar que sua vida permaneceria igual a que tivera na fazenda, tendo apenas o cenário se modificado.

Mesmo com a mudança, o tom de indiferença em relação aos acontecimentos permanece. A personagem não consegue crer que seu futuro possa ser melhor, pois está totalmente centrada no presente, as preocupações e aflições tomam todo o tempo. Dodôte não abre qualquer possibilidade para expectativas positivas em relação ao futuro, não há planos, não há entusiasmo, pois todas as forças de Dodôte são empregadas na imersão dos pensamentos momentâneos. Não estaria diante dela o poder de mudar a própria vida:

– Mas quem a fechara nessa prisão? Interrogava a si própria, embalada pela marcha do animal, e não sabia o que responder. E foi assim que, quando chegou, agitou-se febrilmente, e colocou tudo com rapidez em seus lugares, dominada pelo receio incomunicável de perder o equilíbrio, de se desorientar para sempre, se tivesse a revelação muito clara de que uma vida nova se iniciava para ela. (RE 41)

A prisão voltada em si mesma, a dificuldade de integrar-se ou comunicar-se com os outros é comum à Dodôte e às pessoas melancólicas como uma espécie de agorafobia, em que o sujeito encontra grande dificuldade em lidar com público ou grandes movimentações. Como exemplo disso na obra, há um capítulo inteiramente dedicado ao pânico que Dodôte sente ao ir a um parque com sua amiga Maria do Rosário:

Foi ao pensar em sua humilde segurança, agora tão ameaçada, que um dia Dodôte acompanhou sua nova amiga até o parque que tinha organizado no recanto do adro da matriz, apertado em um grande ângulo pela muralha que o sustentava. (RE 44)

Estar fechada em si própria, sempre isolada de outras pessoas parece ser o melhor que poderia haver para Dodôte, diante do contato com os outros, ou seja, aqueles que não pertencem ou não compartilham de seus pensamentos; o julgamento, o dedo acusador parece inevitável pelo confronto inevitável com os outros. Estar entre outros é livrar-se da doce prisão de si mesma:

Uma angústia incerta, indistinta, bateu surdamente em seu coração, ao lembrar-se de que todo aquele aglomerado de casas era apenas um pequeno refúgio na noite pesada e infinita, nela perdido e abandonado. Todos que nele se abrigavam eram pobres prisioneiros que se acotovelaram, e de nada valia arrastar Maria do Rosário em sua fuga, no afastamento de toda aquela gente que as cercava, e cujo número crescia cada instante... (RE 46)

O fato de Dodôte sair de sua casa para passear com sua amiga possibilita um novo olhar sobre a vida e o convívio com as pessoas, mas isso não é bem aceito e causa maior confusão diante das angústias da personagem. É neste momento da narrativa que os questionamentos da personagem se intensificam, uma característica marcante do sujeito melancólico, ou seja, o pensamento sobrepõe o corpo, ou seja, a alma sobrepõe o corpo. Depois do confronto com o mundo existente fora do seu próprio, Dodôte indaga-se: “– Que fazer? Onde ir? Como

fugir dali? [...] – Porque aceito esse sofrimento? perguntou a mesma, em silêncio, refugiando-se na escuridão voluntária de sua alma” (RE 47).

Cabe destacar que o narrador trata o refúgio de Dodôte como uma escuridão *voluntária* de sua alma, como se, dentre as possibilidades de escolha diante da vida, a personagem tivesse escolhido aquele caminho. Mais adiante no mesmo trecho, tal afirmativa parece mais clara:

Era tudo mentira. Não se rasgava diante dela o véu da vida? Só ela era incapaz desse espontâneo e absoluto dom de si mesma? Só ela se desviava e embrenhava-se nos caminhos e atalhos da renúncia e do sofrimento procurado, e deixava que todos os outros seguissem o lento e largo caminho da comunhão humana. (RE 47)

No retorno de seu passeio com Maria do Rosário, um homem parece mostrar interesse por Dodôte, que se vê bastante constrangida diante desse novo tipo de assédio: “Levantou os olhos e sentiu sobre si o olhar do Homem que a seguira, e agora a fitava, e percorria os seus braços, o seu colo, com a vista torva e lenta” (RE 50). Tanto a palavra homem ser grafada com letra maiúscula como também o acanhamento da personagem mostram que o primeiro contato com um homem que a desejasse sexualmente foi de grande relevância. É a primeira vez que Dodôte se depara com a visão do outro sobre si mesma, e não somente como ela se vê. E neste momento em que se confronta com o outro e se vê passível de desejo. Mas tão atemorizante e sofrível é este fato para Dodôte que a faz querer retornar rapidamente para a reclusão em si mesma.

Em vista dos fatores que cooperam para a construção da personagem, um dos fortes indicadores que colaboram de alguma forma para sua tentativa de reclusão é o meio em que ela vive, ou seja, a sociedade em que ela está inserida influencia no grau de exclusão ou tentativa de exclusão da personagem. Uma das marcas do texto em relação a isso é a consideração que o narrador faz sobre a idade de Dodôte juntamente com a missão que teria como mulher. O mais agravante seria o fato de que a missão da personagem ainda não tinha sido realizada, o que a colocaria num lugar contrário ao de outras mulheres de sua idade.

Dodôte é representante da singularidade encontrada em uma mulher que não havia ainda encontrado um homem e conseqüentemente não havia tido um filho, isto é, não havia cumprido a missão da mulher. Sobre o valor do casamento diante da sociedade cabe lembrar o papel que foi outorgado à mulher:

Uma mulher só, na América do Norte mais ainda do que na França, é um ser socialmente incompleto, ainda que ganhe sua vida; cumpre que traga um aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude de seus direitos. (BEAUVOIR, 2009, p. 553)

Com a preocupação de Dodôte estar com idade já avançada para que fosse cumprida sua missão como mulher, pode-se ver que a personagem encontra-se muito aquém das expectativas sociais. Dodôte se dá conta da passagem do tempo e do que foi feito sua vida com o reconhecimento da idade de trinta anos. Quando Dodôte percebe-se com trinta anos, sabe-se também que há a imposição da sociedade que pede que a mulher associe-se a um homem, para que seu valor possa ser reconhecido.

É neste momento que Dodôte passa a refletir sobre seu coração quase morto, pois ainda não havia tido contato com qualquer futuro pretendente: “e sabia afinal por que ele não despertara ainda, e talvez estivesse morto...” (RE 51). A reflexão parece bastante superficial e leva a crer que a idade é um ponto bastante relevante para a tentativa de revelar as exigências sociais. A percepção de Dodôte passa por uma leve reflexão que não resulta em qualquer comoção ou ação. Mas o fato de o narrador ter apontado para a idade da personagem serve, não apenas para demonstrar as preocupações relacionadas ao meio em que a personagem está inserida, mas também para apontar o fim da juventude e um possível amadurecimento, o que poderia refletir no agravamento do processo melancólico tanto por pressão externa como por parte de Dodôte. A esse amadurecimento pode-se revelar a complexidade da mulher de trinta anos em que Balzac diz:

Por isso nada há de mais discreto que um rosto jovem, porque nada há de mais imóvel. O rosto de uma mulher moça tem a calma, o brilho, o frescor da superfície de um lago.

A fisionomia das mulheres só começa a ter significação aos trinta anos. Até essa idade, em seu rosto os pintores só encontram o rosa e o branco, sorrisos e expressões que repetem um mesmo pensamento, pensamento de juventude e de amor, pensamento, pensamento uniforme e sem profundidade: mas na velhice, tudo na mulher falou. (2006, p. 181)

A não adequação ao meio é reforçada pela chegada da idade de Dodôte que seria propícia ao casamento sem que o mesmo tenha sido realizado. O lugar ocupado pelo indivíduo deslocado do convívio social, apático diante da vida, é algo típico do melancólico, embora viva numa esfera paralela distante das expectativas comuns; ainda assim, isso não o faz avesso aos julgamentos, pois a valoração do sujeito sempre é buscada de alguma forma. Mesmo não participando ativamente da sociedade, este sujeito também necessita da aprovação dos demais:

alguém mostrou-lhe no espelho um rosto cheio de vida, com olhos radiantes de luz, a boca fecunda, vermelha e úmida, e lhe dissera, rindo:

-É você, uma outra você...

Ela calou-se, e fugira para o quarto, onde se refugiara toda trêmula. Sentira que o sangue fugira das veias e se acumulara em seu coração. Talvez fosse aquela “outra” a que vivia e lutava nele, por uma vida diferente e uma morte nova.

Era ela que dizia sempre não, que a desmentira sempre, e desmascarava a sua maldade. E, desde aquele dia a inquietação de seu espírito se tornara realidade e passava a ser sua companheira habitual. (RE 56)

Diante da visão que Dodôte tinha de si mesma e da que as outras personagens tinham dela, cabe ressaltar a preocupação da família em casar a moça, fato que é levado com mais urgência, pois a personagem é cuidada por dois avós que já estariam na iminência da morte. Em uma sociedade patriarcal é imprescindível que a mulher seja *cuidada* por um homem, que ganhe valor social por meio de um casamento. É inegável a diferença de valor do casamento para o homem e a mulher, assim como suas funções:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinte-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição. (LAMBOTTE, 2000, p. 547)

A necessidade da ligação entre mulher e homem, faz-se totalmente arbitrária em relação à mulher, principalmente quando esta se vê inserida em uma sociedade que a subjuga em relação ao homem. O valor da mulher, ou a sua desvalorização, passa pelo condicionamento da associação do homem, como é no caso de Dodôte.

No contexto do romance e da época, pode-se ver a representação da mulher como um ser passível e inerte, antes de se casar ela só tem a possibilidade de mudança por meio do homem; este seria um campo que Dodôte experimentava pelos olhos de sua família. Uma mulher de trinta anos, solteira e que não possuía qualquer tipo de movimento diante da sociedade, o que gerava preocupação na família. Em particular para Dona Rita, havia a necessidade de casar a neta para que essa pudesse seguir seu desígnio no mundo. Quando é chegada a notícia de que Urbano voltaria à cidade e que estaria viúvo, não há muita dificuldade por parte da avó em arquitetar um casamento que havia sido combinado há muito:

– Urbano está viúvo – continuou, com a voz presa pela respiração que se fizera ainda mais difícil – está viúvo e quero que venha para a nossa casa! E havia uma vaga ameaça no tom com que repetia essas palavras.

[...] – Você precisa ser muito boa para ele, muito compreensiva e aceitá-lo como ele vem. Nós todos estamos bem certos de que você não faltará com a promessa que nos fez, e que tudo fará para realizar o que desejamos.

“Nós todos esperamos... nós desejamos...” repetiu Dodôte dentro de si, e o eco dessas palavras reboaram surdamente em sua cabeça. (RE 98)

Fica evidente que a fala proferida pela avó não carrega apenas seu desejo, mas sim o desejo de toda uma sociedade sedenta em não deixar uma mulher sozinha. O próprio desejo da avó não é dito em primeira pessoa do singular, mas

sim na primeira pessoa do plural, não somente os avós ansiavam pelo casamento de Dodôte, mas parece sinalizar que toda a sociedade aguardava que ela tomasse seu desejado posto. Trata-se da divulgação de um casamento imposto; em nenhum momento coloca-se a possibilidade de Dodôte opinar sobre a decisão e, pior, são dadas instruções para que, como mulher, ela aceite passivamente o marido: “– Você precisa ser muito boa para ele, muito compreensiva e aceitá-lo como ele vem” (RE 98).

A passividade que é imposta à mulher diante do homem não é um fato isolado, ou de exclusividade literária, mas sim de uma constante na sociedade:

A jovem apresenta-se, pois, como absolutamente passiva; ela é casada, dada em casamento pelos pais. Os rapazes casam-se, resolvem casar. Buscam no casamento uma expansão, uma confirmação de sua existência, mas não o direito mesmo de existir: é um encargo que assumem livremente. Podem, portanto, interrogar-se acerca de suas vantagens e inconvenientes como fizeram os satíricos gregos e os da Idade Média; isso é para eles um modo de vida apenas, não um destino. É permitido a eles preferir a solidão do celibato, alguns casam-se tarde ou não se casam. (BEAUVOIR, 2000, p. 551)

Observada a diferença entre o que se propõe ao homem e o que é proposto à mulher diante do casamento, Dona Rita estaria dando à Dodôte a possibilidade de confirmar sua existência diante da sociedade, já que se via próxima da morte e não assentia sobre a ideia de deixar a neta desamparada:

A sua tarefa era muito forte e perigosa, mas o tempo urgia. Era necessário criar um novo lar em torno dela, tirar das sombras do desânimo e da tristeza figuras que deviam ressurgir animosas diante do futuro, e fazer com que, em um milagre de ressurreição, aprendessem a sua verdadeira língua, diferente entre as dos outros homens, a linguagem secreta da família. (RE 113)

Além da preocupação de Dona Rita de casar a neta, há também a preocupação de organizar tudo para quando a morte chegar, já que ela sabia que, assim como o marido, tinha poucos dias para viver. A avó de Dodôte tenta, então, realizar suas ânsias através de seus netos. É imperativo para ela que o casamento

aconteça e que seja um casamento endógeno para que o círculo familiar seja protegido: “aprendessem a sua verdadeira língua, diferente entre as dos outros homens, a linguagem secreta da família” (RE 113).

Logo depois do retorno de Urbano a sua cidade, o avô, que já estava muito doente, falece. Na sociedade patriarcal onde se necessita que a mulher seja sempre acompanhada de um homem para que possa ter valor, então, Dodôte estaria agora desprovida desse valor social. Só no casamento conseguiria algum valor, vez que sem se casar é uma mulher incompleta da sociedade:

Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade.
[...] Mas não é a mulher ela própria que o homem dirige um apelo: é a sociedade dos homens que permite a cada um de seus membros realizar-se como esposo e como pai; integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens. (BEAUVOIR, 2009, p.5 48)

Assim como Beauvoir diz que a mulher é entregue ao casamento, coisificando-a, o mesmo pode ser dito de Dodôte. Quando se vê diante do casamento que lhe é ofertado, não surge a oportunidade de opinar, e sim como obrigação, como dever. Além do mais, ela estaria distante de qualquer manifestação contrária, sua missão já estava dada e deveria aceitar o marido como ele viria. Além de ser um casamento arranjado como forma de organizar a vida da neta, esse seria um casamento endógeno arranjado há muitos anos. Casando com o primo, Dodôte permaneceria no mesmo lugar onde sempre foi mantida, ou seja, sob os olhos de sua família, vez que com o abandono dos pais, passa a morar com os avós e depois casa-se com o primo.

Passada da responsabilidade do avô para a do marido, Dodôte já teria concluído a missão de se casar; embora essa missão tenha sido dada a ela sem que essa expressasse qualquer querer, não deixou de significar uma esperança diante aos seus dias de languidez e escuridão:

Dodôte repetia a notícia que lhe dera Dona Rita, e que, quem sabe? viria a partir sua vida em duas partes. Deixaria para trás o que se passara, e que via agora nada ter sido senão um amontoado de fatos incoerentes, para ter enfim um lugar marcado à sua frente, o ponto certo para onde dirigir os seus passos. (RE 79)

O casamento poderia representar uma nova perspectiva diante dos dias de angústias vividos pela personagem, e não é raro que o sujeito melancólico agarre-se a ideias que o façam ter algum sopro de esperança, mesmo que essa esperança seja fortuita e passageira. Essa circunstância depende claro da aceitação da identidade da personagem por ela mesma.

2.2 ESPELHO MEU

É a partir do momento em que alguém oferece o espelho a Dodôte que se pode ver que a visão que ela tem de si mesma é totalmente distinta da que as pessoas têm dela. O espelho é um tema recorrente na literatura, tratando principalmente da reflexão do ser entre essência e aparência. Machado de Assis no conto “O Espelho”, publicado em *Papéis Avulsos*, aborda a questão com a afirmação da personagem do conto de que existiriam duas almas: a alma exterior e a alma interior. A alma exterior seria fruto da imagem que os outros faziam dela e tinha a função de preencher a alma interior. A alma exterior em Machado de Assis seria aquela revelada pelo espelho, enquanto simbolização da imagem vista pelos outros. De certa maneira, as mesmas ilações podem ser tiradas do conto “O Espelho” de Guimarães Rosa.

Em Dodôte há um estranhamento em relação ao que seria a alma exterior revelada pelo espelho, pois para ela não há qualquer reconhecimento e aceitação de uma realidade que não antes passada pela sua própria introspecção, voltada para sua própria análise.

A luta do sujeito melancólico se dá principalmente pelo fato de o mundo exterior não se apresentar para ele, neste caso para Dodôte, de forma segura, a imagem que não pode ser dela e sim de uma *outra*. Essa outra não pode

ser segura ou instaurar-se como verdade, pois vem de onde a personagem menos confia, o externo, o que gera o conflito. A partir deste momento as inquietações afloram-se e a angústia existencial toma conta de Dodôte: “E, desde aquele dia a inquietação de seu espírito se tornara realidade e passava a ser sua companheira habitual” (RE 56).

Dodôte é uma personagem bastante distante do referencial de felicidade, sua existência transita no sentido contrário à felicidade. Em *O mal-estar na civilização* (publicado em 1930), Freud afirma que a felicidade estaria condicionada à realização do programa do princípio de prazer; desde criança, o ser humano busca pelo prazer, ao mesmo tempo em que tenta evitar a dor, o sofrimento ou a tensão. Seria este princípio que governaria o comportamento humano principalmente quando criança. Dodôte resguarda-se diante da possibilidade de qualquer prazer, isto é, há a anulação do princípio do prazer proposta por Freud. Buscar a felicidade ou pequenos prazeres não é o caminho ou a preocupação de Dodôte. Muitos são os indicadores de que Dodôte ruma em direção à anulação do princípio do prazer, entre eles está o fato de não querer crer na imagem no espelho que lhe é mostrada ou tampouco acreditar que o homem que demonstraria reais interesses por ela.

Entre os que querem e tentam proporcionar algum tipo de felicidade à Dodôte, está Maria do Rosário que a incomoda profundamente com a tentativa de levá-la para outro espaço ou outra realidade. Com a presença da amiga, Dodôte é levada a avançar em seus limites autoimpostos, mas depois recua ferozmente. Provavelmente teria sido Maria do Rosário a pessoa que mostrou à Dodôte a imagem que ela não conhecia, pois no mesmo capítulo, depois de alguns devaneios, Dodôte diz: “- Não quero que Maria do Rosário venha mais a esta casa – e retirou-se, sem olhar para trás” (RE 57).

Maria do Rosário busca de várias maneiras mostrar o mundo que existe fora da introspecção de Dodôte, mas a alegria e a vivacidade de Maria do Rosário a incomodam, assim como as inseguranças trazidas do mundo a que Maria do Rosário pertence:

Maria do Rosário teve uma expressão de piedade no rosto há pouco tão sorridente, e disse, com doçura:

-É preciso consolar-se, e não sofrer tanto... Você se atormenta sempre pelos outros...

E Dodôte viu então insinuar-se entre seus pés e a terra, como uma serpente invisível, de novo e sempre, a mentira... era o engano de suas palavras, a expressão de seu rosto, que se formava em contradição com seu espírito, que a levavam para longe dos que dela queriam se aproximar. Era a ilusão assim criada, era a falsa caridade dela mesma e dos outros que a isolavam do mundo, que a tornavam inapta para compreender o que se passava ao alcance das mãos, sempre estendidas em um fingido gesto de socorro, que a impedia de sentir nos dedos, como resposta, o verdadeiro calor da vida. (RE 86)

Maria do Rosário, com seu poder de inquietar Dodôte e fazer com que ela atente para outra realidade que não seja somente a sua própria, proporciona a esta uma reflexão maior do que a habitual. Tal reflexão é passada pelo narrador que classifica o isolamento de Dodôte como proveniente da contradição entre o ser e o pensamento ou, como diz o texto, com o espírito, além de adjetivar como falsa a caridade de si própria e dos outros diante de si.

Quando Maria do Rosário está próxima, com suas provocações, ou só com sua inquietante presença, as lembranças de Dodôte ficam mais constantes, assim como suas angústias existenciais que vinham desde a infância e que, com a presença da amiga, são revisitadas.

2.3 SENTIMENTOS EM CONSTANTE OSCILAÇÃO

A obra traz relevantes momentos de reflexão da personagem diante de sua vida e das possíveis soluções para suas inquietações. A angústia é um sentimento recorrente dentro do estado melancólico. Aqui se faz interessante reconhecer a percepção mais comum para o termo, no intuito de ampliar o entendimento da dimensão da melancolia, enquanto ansiedade, aflição intensa, agonia, sofrimento; há também de se lembrar que Kierkegaard, quando trata da ansiedade, caracteriza a angústia “a realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade” (REICHMANN, 1972, p. 265), e ela é assim definida por Heidegger:

Como a angústia já sempre determinada, de forma latente, o ser-no-mundo, este, enquanto ser que vem ao encontro na ocupação junto ao “mundo“, pode sentir temor. Temor é angústia imprópria, entregue a decadência do “mundo“ e, como tal, angústia nela mesma velada. (2006, p. 254)

Revelada a definição do sentimento, pode-se inferir que a personagem tem grandes momentos de angústia; um desses dar-se-ia de acordo com a percepção da personagem de sua nulidade diante da vida:

Dodôte sentiu-se uma estranha entre eles. Estava também ali de passagem, e em breve, como aquele vulto que via no espelho, desapareceria sem razão, como viera, e como permanecera, de pé, entre eles. Foi com angústia que se afastou do lugar onde estava, onde ficara imóvel, como uma figurante de rosto belo que não tomava parte do espetáculo senão pela sua presença, e voltou-se para a porta do corredor que se abria, bruscamente, para dar passagem a Dona Rita. (*RE* 137)

Só se pode conceber a ideia de figurante diante da noção de que existem outros personagens, ou seja, pela aceitação que existe a presença de um papel principal, assim como de secundários e de uma plateia. Os sentimentos de Dodôte são passados por meio de um narrador onisciente, que leva a crer na insignificância de Dodôte diante dos demais. O espaço em que Dodôte se encontra não se modifica com sua presença, sua permanência tem tão pouco a oferecer aos demais e cabe a ela somente figurar diante dos outros. Dodôte é uma personagem que muito tem a compartilhar com a ideia de um ser errante, sem perspectivas de vida, seus anseios são dados pela vida e não buscados por ela.

Há uma semelhança entre a angústia existencial de Dodôte e o fato de vagar como um fantasma, assim como o mito de Ahasvérus, personagem bíblico que faz parte das lendas cristãs e bastante aproveitado pela literatura, também chamado de judeu errante (FERREIRA 2000). Ele teria sido sapateiro em uma das ruas por onde passavam os condenados por crucificação. Quando Jesus Cristo, na sexta-feira da paixão, passava por esta rua carregando sua cruz, Ahasvérus o teria insultado. Tal insulto levou Jesus Cristo a amaldiçoar o judeu a viver vagando pela Terra, sem morrer, até o dia em que Jesus Cristo voltasse a Terra.

A morte, ou a incerteza da morte, não seria a única maldição a perturbar Ahasvérus, mas também o fato de sua maldição o ter deixado distante do reconhecimento nas pessoas próximas, que têm a morte como única certeza da vida, ou seja, não seria mais um ser comum. Ahasvérus não teria a capacidade de se reconhecer ou de se integrar a um grupo, sendo assim estaria condenado a viver sozinho. O corpo já não tem a mesma significância diante de um ser em que a alma figura-se eterna, ou quase eterna, assim como o melancólico que se encontra desconectado emocionalmente de um grupo e que tem reflexões e espírito em demasia.

Dodôte teria a mesma falta de fixação de Ahasvérus à terra, vez que o melancólico não consegue se inserir no seu meio, parece não pertencer a lugar algum; como o mito, o melancólico parece também padecer de uma condenação no sentido de que “o melancólico aplica-se em perpetuar os ritos fúnebres cujos motivos ignora” (LAMBOTTE, 2000, 76). Dodôte está distante do pertencimento do mundo em que está inserida:

Sua cabeça pendeu, pesada de torpor e de idéias negras, e lhe vieram os pensamentos habituais, de que não era aquela cidade a sua pátria, não tinha consciência do lugar onde nascera, e ela própria não se conhecia, não sabia quem era e não se encontrava naqueles que a tratavam familiarmente.

[...]

– Aquela casa não era sua casa... aqueles móveis não tinham a marca de suas mãos... sua própria alma era outra... agora presa e sufocada por tudo aquilo que a cercava.

Tudo era estrangeiro e hostil, todos guardavam qualquer segredo mau, perverso, que a prendia para sempre ali. (RE 55)

É possível também caracterizar Dodôte como um esquizóide, termo na psicologia que descreve a pessoa fechada ao mundo exterior, em quem prevalecem a ausência de interesse nas relações sociais, o isolamento e a frieza emocional; soma-se a tais qualidades em Dodôte o narcisismo, que vem a ser:

um traço característico que se origina da vida interior predominante dos esquizóides. Seus objetos queridos estão todos no seu íntimo e além disso ele se identifica enormemente com eles de modo a seus apegos instintivos pareçam estar contidos em si mesmo. A pergunta, no entanto, é se a vida interior intensa do esquizóide se deve a um desejo por uma ardente incorporação de objetos externos ou devido à reclusão do mundo exterior para um interno que se imagina ser mais seguro. A necessidade por apego como uma motivação principal é tão forte na pessoa esquizóide como em qualquer outro ser humano. Porém, devido aos objetos queridos do esquizóide serem internos, ele ou ela encontra segurança sem se conectar ou apegar aos objetos no mundo real. (GUNTRIP, 1969, p. 303)

O mundo interior é bastante seguro para Dodôte. É na introspecção que consegue dar vazão aos seus pensamentos, o que torna seu fluxo de pensamento constante, mas há a consciência do mundo exterior onde se busca valor. O narcisista tem grande necessidade de ser valorizado, mas por grande medo de lidar com o julgamento dos outros, ele não possui alternativa que não seja a fuga em si mesmo, a reclusão.

É nessa necessidade de valor que Dodôte se coloca em confronto com as demais pessoas, compara-se a elas para chegar a concluir que ela própria não se enquadra nas expectativas, que não possui os atributos necessários para que os outros a dêem valor:

Foi justamente nesse instante que Dodôte viu surgir e aproximar-se a moça que diziam ser a mais bela da cidade. Vinha vestida de branco, deixava arrastar pelo chão a fimbria de suas saias, e segurava junto à cintura uma pequena bolsa de seda, como as esmoleiras das damas antigas. [...]

– Eu não seria capaz de andar assim! Parece que a rua é lisa e plana, e ela não vê os que a observam... – pensou Dodôte, afastando deliberadamente de seu espírito outras idéias que a espreitavam, e estavam prontas para crescer e para tornar confusa sua humilhação. [...]

Subiu para seu quarto e concertou os cabelos diante do espelho, onde se refletia o seu rosto emaciado. Fixou-o por alguns momentos, fez um gesto de desprezo e desagrado, e disse com infinita piedade na voz:

– Feia... (RE 146-147)

Observada a dificuldade do sujeito melancólico em fazer parte do seu meio, a falta de integração aos padrões também parece ser constante. Dodôte

não se julga portadora da beleza que as demais pessoas têm, o que pode ser somado como mais uma das formas de não pertencimento. Este seria mais um problema para o ser melancólico:

Sondar enigmas que contornam o campo de seu pensamento condenando o campo de sua ação é esta a contradição na qual se atola o melancólico e à qual se abandona não sem dela tirar certo gozo, em razão da natureza excepcional de sua missão. Por esta missão impossível o Destino com efeito se responsabiliza; assediado pelo recuo indefinido de uma lógica toda ideal, o sujeito vê-se sem cessar acuado por novos problemas ele se esforça em resolver até o esgotamento, sustentando em seu esforço pelo gozo de uma busca impossível e sempre renovada. (LAMBOTTE, 2000, p. 51)

Se todo o mundo do melancólico, se toda a lógica do melancólico gira em torno do pensar, do pensar constante, parece claro que a dificuldade da ação se instaura aí, já que o pensamento domina o sujeito melancólico. Não se comete uma ação para depois pensar, pensa-se muito e talvez não faça. Toda a elaboração da lógica que acontece no plano do pensar dificulta a ação, seja ela no caso de Dodôte o simples caminhar pela rua ou até mesmo seus pensamentos de fuga para um convento, para que pudesse sair da sua realidade. Muito embora os pensamentos de Dodôte de inserção não sejam raros, as ações são.

Um dos momentos de fuga para a ação é o casamento; nesse caso não parte de sua vontade, mas já passa ser um plano diferente do pensar. Com uma ação, Dodôte passa, então, a criar expectativas sobre esse casamento que poderia ser a ação de salvação.

O casamento de Dodôte pode ser classificado como fonte de salvação não apenas para ela, mas para sua família, para o noivo e como forma de aquietação das preocupações dos demais. A expressão de que o casamento simbolizava uma possível salvação encontra-se na passagem do dia do casamento:

Vinha dela mesma um apelo de vida, o chamamento imperioso dos homens, dos homens que andavam perdidos pelo mundo, dos que rodeavam e daqueles que deviam vir ao seu seio.

Todo o amor que se acumulava lentamente em seu coração, forçado a fechar-se sobre si mesmo, repellido ou em fuga, fazia-o adormecer sobre as próprias ruínas, esforçava-se por fugir e projetar-se sobre tudo e todos, com cega alegria, ao pressentir a liberdade. (RE 191)

Também aos olhos da sociedade o casamento de Dodôte com Urbano simbolizou calma para aqueles que temiam pela moça que já estava a muito em idade de se casar:

Julgavam a sinhazinha muito feliz com seu noivo, como diziam entre elas, lá longe na farmácia, onde nunca iam, sempre presas aos afazeres domésticos, e aquelas visitas eram verdadeiros presentes de alegria que recebiam. E assim era que uma delas parava de socar paçoca no pilão, e lhe oferecia um pouco em uma cuia muito limpa, ou a outra tirava do fogo torresmo crepitante ainda, para serem comidos com farinhas. (RE 215)

As duas negras que moravam na antiga casa de Dodôte julgavam que agora ela era uma mulher como as outras e o fato de alguém se integrar ao grupo e não permanecer distinta causa sossego aos outros, já que o que é diferente sempre vem acompanhado de um gosto de reprovação ou inquietude, ainda mais quando o diferente é uma mulher. As mulheres citadas julgavam-na mais alegre não por qualquer acontecimento em especial, mas sim pelo fato de estar casada.

O apelo de vida e a alegria cega que Dodôte sentia ao casar-se com Urbano são indicadores de que o casamento carrega grande expectativa de cura para a personagem. Houve por algum momento uma alteração na percepção social acerca de Dodôte que poderia a partir de seu casamento ser chamada de uma verdadeira mulher:

Era agora uma mulher, e a verdadeira dona de casa. Precisava provar isso, pois em vez de sentir-se segura e senhora de seus atos, diante de Chica, tão humilde sempre, tão apavorada, tomava, involuntariamente, como agora, para falar-lhe a expressão antiga de criança sofredora e mandada... (RE 199)

Embora casada, alguns indícios ainda mostravam que Dodôte não conseguira sair de seu mundo de angústia; logo após o casamento ela permanece com as vestes ltuosas:

Dodôte continuara a usar, depois de seu casamento, vestidos negros, pois não tivera coragem de vestir roupas claras, como diziam que deveria fazer, pois o luto ficaria mal em uma recém-casada, mas a lembrança de que o velho senhor não a vira vestida de noiva dava-lhe a sensação de sacrilégio ter sobre si outra cor que não fosse o negro, que ele conhecer...
(RE 205)

Ainda que contraponha suas tristezas a um momento de felicidade que deveria ser o casamento, Dodôte não consegue se desfazer de suas roupas de luto que parecem representar o estado de espírito que sempre teve e não veio a mudar. Além das roupas, outro indicativo de que o ato de se casar não havia mudado sua visão melancólica da vida pode ser visto nos pensamentos de angústia da personagem:

Mas, estava presa àquela cadeira, e seus pensamentos fugiram, como se fugisse, de um corpo morto. Naquela sala abafada, com sua sombra mentirosa, onde tudo estava quente e o ar tremia, chegava até ela a voz de Urbano, muito calma.
Contava a alguém que ouvia em silêncio uma história longa, alguma recordação da infância e o som repetido, muito igual, fazia com que ela tivesse ímpeto de fugir, de sair para sempre daquela prisão, onde vivia emparedada, mas onde nada a retinha. Queria ir pelo mundo, em procura da grande felicidade sem peias, de alegria eterna, onde ela mergulhasse sozinha, onde pudesse deixar-se levar pela grande correnteza, sempre nova, sempre adolescente, de coração estuante, sem grilhões, sem laços, sem pesados nós que a atassem! (RE 213)

Durante o início do casamento, Urbano representou para Dodôte a esperança de um recomeço em sua vida e, talvez pela empolgação do início ou pela ideia incutida de que aquele poderia ser o homem a salvá-la, os momentos foram vividos segundo essas expectativas: “Mas levantou-se e caminhou ao encontro de Urbano, como se fosse um rei que a procurasse. Segurou-lhe no braço, e apoiou-se nele com força, para sentir bem que aquele era o apoio seguro e decisivo para seus

dias” (RE 222). Passados os dias iniciais de casada, Dodôte passava parte de seus dias observando as atividades do marido na botica. Entre os acontecimentos relevantes na botica, cabe ressaltar a visita de uma viúva que atrai a sua atenção:

Dodôte descobria na viúva a menina que ela fora, e deixava de ser por um esforço cruel e constante de exame e de censura. Via com irreprimível irritação que a senhora conservava ainda todo o complicado conjunto de ardis e de imaginárias lutas que tinham formado a sua personalidade infantil, e deles usava com ingenuidade intacta. Decerto não sofrera, não passara pelos longos e encarniçados combates que ela sustentara consigo mesma, em nome da verdade, quando destruía ferozmente e perseguia sem tréguas em todos os labirintos de sua alma o pequenino demônio da auto-indulgência mentirosa. (RE 251)

Pela cultura ocidental o uso de roupas pretas é usual na representação do luto. Por ser o preto a cor que representa a ausência de luz, pode-se associar a ideia de a pessoa que carrega o luto não ser portadora de luz. Ou ainda, pode-se fazer a associação do preto com a morte como é tão usual. A pessoa vestida de preto estaria representando pela cor a sua incompletude, a ausência de luz e também a ausência do marido no caso. Vale ressaltar que Dodôte, ao vestir-se de preto durante todo o romance, o que leva a crer que a personagem, mesmo não representando em determinada passagem a morte de alguém, estaria simbolizando sua falta de luz. O próprio trecho citado acima sinaliza que Dodôte enxerga na viúva a menina que ela fora; Dodôte desde menina carregava todas as agruras que a viúva simbolizava.

O luto da mulher retratada no texto provavelmente se dissipará com o tempo. O luto é algo a ser trabalhado com o tempo, para que se modifique. Espera-se que a pessoa em luto consiga reaproximar-se da luz, pois a imagem ou a memória do morto deve ser suavizada, guardada para que se possa continuar a viver. No entanto, Dodôte não se afastará do luto e é nesse caso que o fato de ela ser uma personagem melancólica fica mais claro. Dodôte teria sido uma viúva desde a infância e carregava as dores e aflições como se fosse tal, mas não reagiria

como a maioria das pessoas; ela permaneceu viúva a vida toda mesmo quando ainda não possuía marido.

Em *Luto e melancolia*, Freud afirma que na melancolia há uma perda subjetiva que é a do próprio *eu* identificado como objeto perdido, o *eu* torna-se vazio e pobre. No luto o que se torna vazio e pobre é o mundo.

A mulher no estado de viuvez tem necessidade de demonstrar toda a sua falta e todo o sofrimento, mas Dodôte julga que por maiores que fossem as dores da viúva ainda assim não seriam comparáveis àquelas que ela sofria. Em outro trecho da obra, anterior ao citado, a personagem esclarece que a viúva possuía gestos artificiais e premeditados o que garantia a sua conduta. Pode-se dizer, então, que a viúva calculava seus atos, de modo que eles fossem bem aceitos pelos expectadores. Neste ponto pode estar a maior semelhança entre Dodôte e a viúva, as duas necessitam do ato de representar papéis impostos pela sociedade, papéis ou sentimentos na expectativa de uma adequação social. Mas Dodôte não consegue êxito em sua representação diante dos demais e um de seus conflitos se insere em representar algo que ela não é, ou algo que não consegue ser: “– Não quero representar... Não quero representar... – mas sentia que as lágrimas lhe vinham aos olhos, no esforço inútil de encontrar a dignidade sincera que desejava manter.” (RE 252)

O distanciamento e a dificuldade de o melancólico lidar com o mundo exterior fazem com que sejam tomadas por ele algumas estratégias para que fique seguro mesmo distante de sua fortaleza interna. Sobre isso, Lambotte ressalta o pensamento de Kierkegaard:

“Minha esperteza (List) consiste em minha capacidade de esconder minha melancolia (at jet kan skjule mit Tungssind)”, escreve Kierkegaard; tão profundamente quanto minha melancolia, tão esperta é minha enganação (Bedrag)... A qualquer hora do dia posso despir-me de minha melancolia ou antes revestir-me com a enganação, mas em presença dos outros a melancolia não cessa de me espreitar. Se alguém está ali, quem quer que seja, não sou nunca exatamente tal como sou. (2000, p. 92)

Lambotte ainda afirma que toda a ilusão do melancólico é construída através de um erro vital de construir uma aparência para si que não é verdadeira, mas que mesmo assim ele compartilha com os outros. Assim em Dodôte tem-se:

Era muito pesado o papel de representar, e Dodôte sentia que todo o seu corpo queimava, dolorido e alquebrado. Levantou-se quando viu que o quarto estava cheio, e foi para a porta, onde ficou, em pé na soleira, toda a noite, sem querer aceitar uma palavra de consolo que lhe dirigiam os que chegavam e os que saíam. (RE 304)

2.4 A CULPA EM DÔDOTE

A culpa pode ser tomada a partir da classificação de Freud que expõe esse sentimento como uma necessidade de punição ou, por outra vertente, a culpa pode ser analisada pela perspectiva religiosa. As duas formas se adequariam à análise já que podemos relacionar ao que Freud disse a respeito da melancolia e qual seria o papel da culpa dentro do entendimento das funções do sujeito melancólico. Ainda, é necessário ressaltar o fato de que *Repouso* trata de uma sociedade católica e que inúmeras vezes são retratados os ritos religiosos dentro da obra.

A culpa no sentido religioso tem o sentido de expiação, é pela culpa que se procura a redenção das faltas ante ao sagrado. Pode-se pensar ainda que a culpa tenha grande relação com o pecado, já que os dois trazem forte reflexão sobre algo que não deveria ter sido feito. A culpa e o pecado não se isolam somente em um ato, mas sim em todo o processo de expiação para que a pessoa consiga a redenção. Culpa e pecado devem, então, estar no mesmo patamar, pois se associam; se há pecado, então é necessário que haja culpa por parte do pecador para que esse possa tornar seu processo de expiação válido. Para que se consiga se desvencilhar tanto a culpa quanto do pecado, deve haver um esforço no sentido de reconciliação com as normas e regras que foram transgredidas. A ideia de Kierkegaard sobre a melancolia está intrinsecamente ligada à ideia de pecado:

O que é, pois, a melancolia? É a histeria do espírito... A melancolia é um pecado, ela é no fundo um pecado *instar omnium*, é o pecado de não querer profunda e sinceramente e é, portanto, a mãe de todos os pecados. (LAMBOTTE, 2000, p. 57)

Ao se observar Dodôte como um ser melancólico e, por vezes, dotado de culpa, deve-se atentar, sobretudo, para o espaço religioso em que esta personagem está inserida. A carga religiosa é bastante presente no romance, principalmente após a morte de Urbano, mas há marcas durante toda a narrativa sobre o peso do catolicismo sobre a família. Mesmo Dodôte não sendo uma personagem voltada plenamente para as práticas da religião, há que se considerar a influência que este meio religioso pode causar para a personagem.

– Eu vou hoje à missa – respondeu-lhe Dodôte, que se levantara do seu lugar habitual, onde estava há muitas horas. Trabalhava com afinco em sua renda interminável, e veio ao encontro de Maria do Rosário. – Ou antes vamos nós três. (RE 265)

Do século IV, com Evágrio do Ponto, até o papado de Gregório I no século VI, a melancolia foi considerada um pecado; por parte essa classificação deu-se sob o ponto de vista de que a conexão com o sagrado estaria relacionada com a alegria e não com a tristeza expressa na melancolia. Outro fato seria o de Judas poder ser caracterizado como melancólico e ter se suicidado, o que deixaria a melancolia intimamente relacionada à ideia nefasta de Judas, pois é sabido que o melancólico tem forte tendência suicida.

Mesmo envolta pelo cenário religioso, deve-se atentar para que o fato de que as ideias de pecado e culpa estão interiorizadas:

Fora em vão, pensava agora sem amargura, que destruíra a sua inocência, prolongada além de todos os limites. A paz que julgara encontrar no conhecimento e na dor de se desdobrar e de se multiplicar, parecia então perdida para sempre, pois os deixara para trás, abandonados na adolescência triste, na sua infância contraditória, perseguida e perseguidora. Sempre debruçada sobre si mesma, devorada pelo próprio coração, acusava-se com implacável severidade e tecia contínuas armadilhas para nelas cair com desespero. (RE 229)

A solução para a culpa seria a indulgência (do latim *indulgentia*, que provém de *indulgeo*, “para ser gentil”); seguindo a doutrina católica, a indulgência seria o perdão dos pecados fora dos sacramentos. Há um momento em que Dodôte diz que passara por “combates que ela sustentara consigo mesma, em nome da verdade, quando destruía ferozmente e perseguia sem tréguas em todos os labirintos de sua alma o pequenino demônio da autoindulgência mentirosa.” (RE 251).

Nesse trecho pode-se perceber que Dodôte trava uma grande luta ao tentar se redimir diante de seus próprios conflitos. E se há a ideia de indulgência, inevitavelmente há a ideia de pecado; se Dodôte tenta aplicar a si mesma o benefício da indulgência, logo se pode inferir que em algum momento sentiu-se culpada ou pecadora. Embora a culpa e o pecado possam ser criações externas, advindas de regras externas, é somente pelo autojulgamento que eles podem aflorar. A culpa pode ser inculcada por uma conduta que não é adequada perante as regras sociais, mas ela cresce e culmina em Dodôte, o que mostra que foi alimentada pelas crenças individualizadas da pessoa. Sobre essa luta que envolve a culpa e tentativa de autoindulgência, é importante trazer a opinião de Lambotte:

O fato de se atribuir o sentimento de culpa ao recalque de uma força pulsional cujo excedente agressivo não pôde se exprimir atesta a intensidade de um tal sentimento, já que o melancólico só luta com aspirações fortes demais por não ter podido projetá-las para o exterior. (2000, p. 69)

A luta de Dodôte está na tentativa de manter suas inquietações escondidas e com isso poder fazer parte comumente do meio em que está inserida. Se o que move a grande maioria das pessoas é a busca pela felicidade, para Dodôte é a busca pelo silêncio. As tentativas para se obter o sucesso, em relação à tentativa de mudança de seu estado melancólico, não são concretizadas e surgem decorrentemente a culpa e o estado de desconforto diante de sua vida. Tudo o que havia sido reprimido, todas as aflições que foram recalcadas por algum motivo

arrebatador e momentâneo, voltam a aparecer com toda força. Assim como são revelados os pensamentos de Dodôte em seus dias de casada:

Era preciso obedecer, e esse pensamento de alienação de sua personalidade voltava sempre ao seu espírito. Com as mãos, fez um gesto confuso, onde se misturavam a simulação e a mórbida verdade, e tentou afastar assim o sonho do convento que a visitava todas as vezes que se entregava ao desânimo e ao medo de não poder vencer a trama de seus dias, como um sinal de paz e de promessa. (RE 261)

2.5 O IMPACTO DA MORTE DE URBANO SOBRE DODÔTE

Desde o aparecimento de Urbano na trama, é sabido que ele é portador de uma doença muito grave. Com o passar do tempo, após o casamento, a doença agrava-se, como era previsto. Ocorre que a doença de Urbano é fato de grande aflição para Dodôte, o marido a mantém distante de qualquer posicionamento sobre a doença e de que maneira ele estava reagindo a ela:

Urbano tentara ordenar os papéis e livros que encontrara, e deixou-se dominar por eles. Mas Dodôte tinha a desconfiança medrosa e indecisa de que ele concentrara todo o seu espírito em perigosa pesquisa, e que havia apenas um interesse todo pessoal no afincamento com que se dedicava. Ela deixava-o só, nessas horas, e andava pela casa, abria e fechava portas e janelas, remexia nos móveis que encontrava, sem se fixar em nada, sempre a procura do que fazer, de qualquer coisa, qualquer ocupação que dissipasse o vago medo que a fazia sofrer. (RE 257)

Os diálogos entre o casal eram escassos e todo o conhecimento de Dodôte sobre o que se passava com Urbano permanecia no campo da especulação. A doença começa a inquietar não só a esposa, mas como também os frequentadores da botica, que percebem algo de diferente em Urbano:

– Ainda mais que não deseja tomar um auxiliar que saiba fazer o serviço, e não esses meninos inexperientes – disse o vigário, que sentia-se visado pelo que dizia o outro – já o aconselhei várias ocasiões, nesse sentido, mas ele nada me responde, e fiquei sem poder tomar nenhuma resolução... Creio que vou falar com Dona Maria das Dores.

- É verdade – disseram várias vozes – deve mesmo falar com Dona Dodôte...

Dodôte teve um sobressalto, como se tivesse sido surpreendida ali a escutar. Seu primeiro ímpeto foi fugir para dentro, sem pensar que seria vista, se conseguisse levantar-se, com a fraqueza que sentia agora. (RE 247)

Diante do agravamento da doença do marido e da preocupação dos demais sobre o que estaria acontecendo com Urbano, Dodôte vê-se cada vez mais preocupada. O isolamento dos dois é constante, não saem de casa nem mais para visitar a avó. A doença do marido somou-se a todas as aflições que já carregava. Em relação a Urbano, Dodôte pondera:

Não poderia, entretanto, traçar novos planos, porque sentia que seriam inúteis tão inúteis quanto a estéril agitação que a fizera caminhar até ali, levada por sentimentos que não lhe devia analisar, pois seria mais uma derrota. (RE 272)

Todas as aflições e preocupações de Dodôte em relação ao marido foram crescendo e não sem lógica, já que era de conhecimento de toda a cidade, após aparição do casal na missa, de que Urbano estava realmente muito debilitado. A relação entre o casal teve significativo afastamento, já que Dodôte não sabia lidar com as dores e aflições do marido e nem ele se abria para tal possibilidade. Em um momento que Dodôte tenta aproximar-se do marido já em seu catre, ele diz a ela uma palavra que a faz pensar se havia sido ele mesmo a proferir tamanha a estranheza do acontecimento:

Quando quisera beijá-lo, ouvira algumas frases confusas, tartamudeadas por ele, mas sabia que, quando despertado de súbito, demorava um pouco a voltar à lucidez, e dizia coisas sem nexos, e não prestara atenção a elas. Mas, quando já estava na porta, pareceu-lhe que Urbano dizia, com inconfundível expressão de ódio, apesar de meio tom em que foi pronunciada, uma só palavra: monstro... (RE 286)

No primeiro momento, o que Urbano disse não causou grande efeito em Dodôte, pois para ela o marido estava provavelmente em um momento de alucinação pré-morte, pois ele estava passando por um período em que a doença se agravava; ela já não podia mais distinguir a fala do marido como realidade ou delírio. Depois, entretanto, a força de ser chamada de monstro repercutiu e fez com que ela ficasse refletindo sobre o que Urbano havia dito, o que funcionou como uma reflexão cíclica sobre sua própria existência.

Passado os dias de aflição diante do estado de saúde do marido, chega o momento em que Urbano morre, e sua morte é relatada primeiramente sob a perspectiva de Chica. O que a criada sente é uma imensa dor ao ouvir os passos e depois o grito de Dodôte já intuindo que se tratava da morte de Urbano. Embora houvesse permanecido na confecção dos afazeres com atos mecânicos, sofre grande paralisia nesse momento, depois de ouvir o grito de Dodôte que entra no quarto e encontra o marido falecido. É a própria Dodôte que tem que reavivar Chica quando entra na cozinha, jogando-lhe um copo de água e em seguida dando ordens:

– Você vai já a Ponte, chamar minha avó, e depois vai à casa do médico e à do senhor vigário, e diga a todos que eu mandei dizer que venham todos imediatamente.

Falava com voz um pouco rouca, mas muito calma, com o rosto impassível, e a negra escutou as ordens como se viessem de uma pessoa inteiramente estranha. (RE 295)

Dodôte tomou todas as decisões em relação ao que deveria ser feito após a morte do marido, articulou para que todas as pessoas necessárias para o ato fúnebre fossem chamadas. A calma com que Dodôte falou à criada e também a trouxe de volta de seu surto a assustou. Foi só após a saída da criada que Dodôte pareceu ter alguma reação:

Dodôte sentou-se na cadeira que sentira perto, e deixou-se ficar no escuro, sem se mover, sem querer levantar para o regaço os braços que caíam inertes, e parecia que seus sentidos se tinham embotado. A casa, em torno dela, voltou ao silêncio pesado em que mergulhada, e tudo morreu nas trevas. Seus olhos escureceram e apagaram-se aos poucos, e naquele canto tudo era sombra, pois também ela era apenas uma sombra entre as outras...

Mas, no fundo de seu cérebro anuviado, vivia e latejava o medo, com o único princípio de vida, na sala morta, na grande massa sombria da casa, na cidade toda negra, e lá fora. (RE 295)

Ao voltar a sua condição inicial, ou seja, agora novamente sem marido, perdida a esperança de reconciliação com a vida pelo casamento, a fonte de expectativa que a acompanhara por muito tempo agora havia se esvaído e o medo passa a acompanhá-la. Passam a existir, a partir dessa nova condição de Dodôte, devaneios sobre o estado em que se encontrara agora. Como viúva e agora carregando oficialmente a morte do marido, mais um morto que se somaria a sua história, passa, então, a refletir sobre todas as pessoas que já haviam passado por sua vida:

Máscaras sucessivas que passaram em seu pensamento dolorido, todas de olhos vagos, obscuros, insensatos, que a fitavam sem vê-la, sem que houvesse um raio de entendimento neles, sem que ela pudesse ver sua imagem neles reproduzida.

Não olhavam para ela mesma, e sim para alguém que não podia reconhecer, que vivera e se interpusera entre ela e cada uma daquelas aparências. Agora assistia, apavorada, àquela sequência de aparições fanadas e sem relevo, e as via desaparecerem para sempre. Nada divisava, através delas e não decifrava a linguagem que agitava suas bocas mortas, nem entendia a expressão que modificava o conjunto de seus traços, decompondo-os. (RE 297)

A morte de Urbano acrescenta ao pensamento de Dodôte toda a falta de reconhecimento que ela julgava ter das pessoas ao seu redor. A imagem relatada por ela sobre como os demais a veem é contrária ao que ela julga ser; essas pessoas não teriam a capacidade de entendê-la ou de vê-la plenamente, pois não possuíam qualquer habilidade de visualizar sua alma e sua verdade. No entanto, o que pode ser considerado como sua real identidade também é bastante vago, já que

ela se configura num emaranhado de personalidades e humores, os quais as outras pessoas não conseguem absorver ou assimilar. A necessidade de pertencimento fez com que ela lutasse usando várias ferramentas e máscaras que estavam ao seu alcance; no entanto, parece que, em meio à tentativa de igualar-se aos demais, ela se perde e não se vê nem inserida entre os que a cercavam, muito menos não decifrava a si mesma, perdida entre suas tentativas.

O momento após a morte de Urbano revela grande consternação de Dodôte e afirma uma queda brusca de qualquer expectativa de vida. Se o casamento fora um fio condutor diante daquilo que ela imaginava ser sua solução, a morte do marido é a levada derradeira para seu íntimo. Dodôte, durante toda a sua trajetória, carrega, além das suas aflições, as coisas mortas que ficaram e, além das coisas, as pessoas mortas que deixam qualquer marca. Essas lembranças são o que a obra trata como lacunas que são abertas a partir da morte. Ou seja, a morte traz à tona a reflexão, Dodôte traz à tona todas as coisas mortas que ela carrega consigo: “Nela tivera tempo apenas para entrever algumas lacunas, abertas com a morte de um ou de outro que desaparecia sem lágrimas, ou então fugiam de suas mãos e tinham recusado seus braços” (RE 298).

Além de a morte trazer a reflexão de volta à Dodôte, seu estado torna-se bastante depressivo:

Há milhares de anos que se sentara naquela cadeira, de onde não mais se levantaria, e ninguém viria libertá-la daquele pesadelo espesso e denso, que a enlouquecia, queimava os seus olhos sem uma lágrima, e pesava em seu peito sem um soluço. Era um desespero morno, vagaroso, que a invadia em marcha quase imperceptível, aniquilando uma a uma suas energias...

Mas finalmente, chegou o médico, antes de todos, e ainda pôde ouvir que ela murmurava, no escuro da sala onde foi encontrá-la:

– Não sei se alcançarei minha morte... (RE 299)

Embora haja a tentativa do melancólico de inserir-se no meio em que habita como Dodôte fez por vezes, toda a angústia e a intrincada trama de sentimentos sempre estão voltadas para dentro. A personagem tem uma luta

interna voltada para si mesma, os demais não podem tirá-la daquele estado porque o primeiro e mais importante fator – que é o pensar – está totalmente preso nela. A sensação de solidão é inevitável e a morte do marido ainda a coloca em posição de fragilidade diante das outras pessoas; agora ela estaria totalmente exposta assim como seus sentimentos:

Sou a repudiada... pensou. Sua loucura, suspeitada por muitos, e agora confirmada pela representação indigente que fizera diante daquele homem, seria agora uma certeza, a verdade de todos, e não saberia nunca fazer tudo voltar à normalidade, pois estava sozinha contra os que viriam vê-la, para o velório. Descobriria, invariavelmente, o medo nos olhares que lhe dirigiam, e perceberia, nos gestos provocados por sua presença, a tristeza e a compaixão, de mistura com o ódio. (RE 302)

2.6 A DEVASTAÇÃO DOS SENTIMENTOS RECOLHIDOS

Aliada à tristeza e ao medo que Dodôte sente diante do enfrentamento com a morte de Urbano, há grande atividade de sua imaginação. Não se pode deixar de reforçar a ideia de que a melancolia é caracterizada pelo pensamento em excesso, mas vale apontar em que sentido esse pensamento em excesso caminha e, no caso de Dodôte, quais são as variações e modificações desse pensamento com a morte do marido. Se a imaginação é a grande faculdade fecundante relacionada intrínseca e inquestionavelmente ao ato de pensar e se o pensar é um ato constante do melancólico, pode-se, assim, concluir que a imaginação é fonte quase inesgotável desse sujeito. É o que o alimenta, tanto no rumo da esperança como no rumo à descrença.

A imaginação para Dodôte é um meio, uma possibilidade que é aberta unicamente por ela; é a personagem que faz com que se dimensione o grande emaranhado de conexões que cercam a personagem. É a imaginação fértil que conduz a sentimentos como o medo e angústia, que são amplificados perante o grande poder imaginativo da personagem, mas não há qualquer evidência de que esta imaginação circunde o real. O contrário é mais favorável à imaginação do

melancólico, já que o que é buscado é exatamente a fuga do real, como se vê neste trecho após a morte do marido:

Mas agora, que sabia bem o que era, parecia-lhe ouvir os passos de Urbano, quando passeava de um lado para o outro, com a dor impenetrável que o envelhecera em poucos meses, ou então, não vinha de seu peito aquele rumor monótono, mas sim do corpo que lá estava estendido... (RE 306)

A imaginação pertence unicamente ao sujeito que a detém. Se ela é imensamente aumentada ou diminuída de acordo com a comparação com os outros ou com o conceito de normalidade empregado a eles, não se pode ao certo mensurar. Há, no entanto, grande ou maior reflexão e uso da imaginação de Dodôte após a morte do marido, o confronto com a realidade e com a frustração das expectativas leva Dodôte a um declínio crescente de seu estado de espírito. São recorrentes os trechos que marcam uma espécie de angústia cíclica e pensamentos obsessivos da personagem:

Para fugir das ideias que se atropelavam, e que ultrapassavam já as forças quase esgotadas, Dodôte contou os minutos. Quando perdia a contagem ansiosa deles, recomeçava com diligente afincos, mas vinham as batidas das horas, e eram sempre uma dolorosa surpresa. Queria saber quantas eram, e, ao mesmo tempo, não podia perder a seriação de números que surgiam, com regularidade absorvente, e precisava saber quantas ainda faltavam para a liberação definitiva, para o sossego radiante que deveria chegar... (RE 307)

Todos os sentimentos de Dodôte que foram abafados e escondidos por determinado tempo ganham força e são reverberados num constante ressentir das aflições:

Terei que caminhar para sempre entre estranhos. Terei que caminhar para sempre na estrada sem destino que se abre diante de mim. Terei que caminhar para sempre ladeada por altos muros que se afastarão à minha passagem (RE 306).

Ressentir é buscar novamente o que foi absorvido de cada sentimento; com uma carga já negativa semanticamente, a palavra pode ser usada para classificar a personagem, já que os sentimentos ruins sempre reaparecem dentro dela só variando na intensidade.

Se Dodôte está fadada ao caminhar constante, é possível dizer que ainda não encontrou seu repouso; por isso sente-se destinada a um percurso calcado em dificuldades. Os sentimentos ou o fato de ressentir-se colaboram para essa estagnação. Mesmo com todos os seus conflitos aflorados, Dodôte não procura auxílio ou amparo em algo ou em alguém; ao contrário disso, o reencontro com suas angústias faz com que ela se feche ainda mais em si mesma. A introspecção é dada pelo ato complexo que é para a personagem relacionar-se com os outros ou mesmo conceber a ideia de que eles por algum momento poderiam entendê-la:

Mas, nada diria. Abaixaria a cabeça, muito tranquila, sem que um estremecimento sequer em seus lábios deixasse transparecer a menor emoção, e se voltaria lentamente, para retirar-se, fechada em si mesma, muito distante, sempre envolta em vestes ltuosas, que fariam dela uma sombra, toda de silêncio e de resignação humilde. (RE 303)

Nesse ponto, faz-se relevante ressaltar a classificação que o narrador faz da personagem como uma sombra. Dodôte ganha pelo tom da narrativa o formato cada vez mais delimitado de sombra, o que pretende caracterizar a liquidez que a personagem vai absorvendo, a pouca forma que ela tem diante dos outros, pois ela seria aquela que tem pouca fixidez em seu meio diante dos outros. Mas, cabe observar que esse é uma reflexão do narrador e que não cabe necessariamente a ideia que Dodôte faz de si mesma.

Associando a imagem de Dodôte como sombra à alegoria da caverna escrita por Platão, pode-se analisar que assim como os prisioneiros do mito sempre estiveram voltando seus olhos para aquilo que acreditavam ser verdade, ou seja, as sombras, Dodôte também é tomada como sombra, apontando para a imagem que, segundo ela acredita, não seria o real, pois os demais não teriam

acesso a sua verdade. Tanto ela como o mundo que a cerca compartilham de ideias distintas de verdade. Ao se fechar em si mesma, Dodôte fecha-se também em sua caverna, onde as sombras são criações ou visões íntimas:

Ficava fechada em suas ideias, tão sombrias quanto o seu véu rendado de viúva, e o rosto muito exangue, os olhos pávidos, não combinavam com a luta seca e estéril que se tratava em seu íntimo. As queixas que deixava escapar, quando ainda mantinha nos braços uma amiga soluçante, e ela as examinava logo depois da saída de sua boca, as julgava calculadas e egoístas.

Monstro... era só em si que pensava, era unicamente sobre si mesma que chorava, e parecia-lhe que bebia suas lágrimas, que abafava os soluços para não perder suas energias, para não gastar sua resistência, reservando tudo para viver ainda. (RE 305)

Toda a configuração de sentimentos após a morte de Urbano pode ser pensada da seguinte maneira:

O instinto de conservação, no sentido freudiano das pulsões do Eu, perdeu sua força por ter-se deixado suplantar pela pulsão de morte, em ação na despersonalização e na destruição do Eu. A busca vital do sujeito, quanto a seu desejo de reconhecimento, lentamente se esbaforiu para desabar sobre um desejo de esvaecimento, desejo de perder-se no cenário que presidia à encenação do meio.

[...] Pela impossibilidade de admitir o sentido, por mais limitado ou relativo que seja, o indivíduo se vê em face com o absurdo de sua existência; só lhe restam então duas soluções, entre as quais ele vai oscilar permanentemente: a dos possíveis lógicos que se oferecem a seus investimentos e a da solidão desolada à qual remete a ausência de significante. A histeria do espírito e a melancolia do nada; uma mesma coisa, aliás, quando se pressentiu que a inanidade das contingências sociais remete sub-repticiamente à incomunicabilidade das consciências. (LAMBOTTE, 2000, p. 126)

A morte de Urbano reforça um luto que esteve sempre presente na vida de Dodôte; no entanto é neste momento que o luto se revela brutalmente reforçado, pois se trata da perda de seu último depósito como referencial, do esvaziamento de qualquer expectativa de melhora do estado melancólico de Dodôte. Urbano figurou como uma força que supostamente levaria Dodôte a um plano distinto do que o habitual, quando essa força se esvai, há o agravamento do

luto e também do estado melancólico, pois Dodôte não teria agora, social ou internamente, qualquer suporte para se afincar.

Após acabado todo o ritual da morte de Urbano, os devaneios e a paralisação do corpo em contraste com a ebulição de pensamentos cresce de maneira vertiginosa. São constatados, segundo o narrador, momentos em que Dodôte se entrega à inanição de seus sentimentos e essa entrega, que é paralisante para ela, vem a piorar com o tempo:

Uma embriaguez má tolhia todos os movimentos de Dodôte, que permaneceu por muito tempo junto a janela aberta, e não teve forças para abandonar a vista daquele espetáculo desmedido. Até mesmo a vidraça de guilhotina deixou aberta, sem sentir os grossos pingos de chuva que chegavam até ela, como sinais precursores do dilúvio que se anunciava, e se desataria em bâtegas furiosas dentro em pouco. Devia decerto obedecer a uma predestinação, e não podia recuar, abrigar-se do perigo mortal que se preparava ostentadamente com aquela pompa real diante de seus olhos. (RE 313)

É certo que se está diante do início de uma tempestade, mas não há possibilidade de não se fazer uma leitura voltada a toda a tempestade que estaria se formando na vida da personagem, embora ela sinta o que está por vir; assim como sente os pingos de água, não há possibilidade de movimento e ela fica estanque aguardando o que virá. Os momentos de luto pela morte do marido fizeram com que Dodôte se tornasse mais introspectiva e distante, condição que chega a causar preocupação nos demais:

Alguns dias depois, Dodôte, que repousara o tempo todo, sempre fechada em seu quarto e deitada na cama, viu Dona Rita entrar e dirigir-se a ela com a fisionomia preocupada corrigida por um sorriso.
 – O doutor veio ver você – disse com afabilidade, e ajeitou os travesseiros e pôs em ordem o vestido da neta, que estava todo enrugado
 – diz que ele veio sem ser chamado porque não acha que você esteja bem, e precisa ter cuidado consigo. (RE 319)

A visita do médico traz uma notícia que faz com que Dodôte novamente repense seu estado, só que agora de maneira mais positiva, pois estaria

grávida. No entanto, essa alegria que Dodôte sentiu ao saber da gravidez dura muito pouco, pois ao se levantar para dar a novidade às pessoas da casa vê que, na conversa entre elas e o médico, a notícia causa grande preocupação. Desconfiavam da pouca segurança de vida que a criança teria em se desenvolver na mãe no estado em que estava, comparam a mãe a um fantasma. Desde esse momento a emoção da notícia se modifica em Dodôte:

Mas sentia que dentro dela se passava qualquer coisa de enorme, desmedido, inteiramente fora do seu entendimento. Um mistério hostil, perigoso, nascera e crescia, sem que nada pudesse impedir a sua formação implacável, e invadiria toda a sua vida. Tudo seria modificado, e seu sangue não poderia suportar a presença devoradora daquele ser que a destruiria em febre lenta...

– Filho e fantasma... – repetiu ela, como um eco de ruínas, e sentia que a alegria que a fizera erguer-se fugia, mas fugia para diante, indo dissolver-se no futuro, de novo indecifrável. (RE 323)

Dentro do estado de grande consternação em que Dodôte se encontrava, uma fugaz esperança de melhora veio novamente através de outra pessoa, seu filho, mas, ao se dar conta da imagem que as outras pessoas estavam fazendo dela, toda a esperança se dissipa e a personagem volta a se fechar em si mesma novamente.

Os dias foram passando sem que Dodôte se desse conta :

Ficou só.

Os meses correram uns atrás dos outros, e passavam sem deixar vestígios, em sucessão rápida e silenciosa. Dodôte deixou-se afundar no entorpecimento e na sonolência da cidade agonizante, e as duas vidas eram iguais em obscura fermentação, em esquecimento e em agitação interior.

(RE 326)

O filho de Dodôte, ainda dentro dela, passa a ser a extensão de todos os seus sentimentos, era como um eco. Embora tenha reconhecido a presença do filho, isso não bastou para que Dodôte pudesse sair de sua consternação cada vez mais agravada. Dona Rita e Chica tentavam de várias

maneiras fazer com que Dodôte se comunicasse com outras pessoas, ou saísse do quarto, pois passava o tempo todo na cama; mas todas tentativas eram em vão:

Muitas vezes tentaram reanimá-la, e traziam até junto da cama as amigas que vinham visitá-la, mas todas retiravam-se desanimadas, diante da completa indiferença da doente, que as olhava como se fossem fantasma, e não apercebia das mãos que procuravam as suas, sempre soltas sobre a coberta. (RE 330)

Durante a maior parte de sua vida, Dodôte viveu uma espécie de anestesia afetiva, não reconhecia nos avós, principalmente na avó, a afetividade comum aos familiares. No entanto, há raros momentos em que Dodôte reflete sobre o seu relacionamento com a avó e a criada; é nesses momentos que tem uma ligeira percepção da presença delas em sua vida, presença que passa despercebida por Dodôte na maior parte do romance: “Quis andar, correr até junto das duas velhas e fazer secar as lágrimas que ainda via nas faces enrugadas e trêmulas, lágrimas de velhice e de desamparo, e não pode” (RE 342).

Embora haja esse pensar de reconhecimento, Dodôte não consegue mover qualquer ação de agradecimento ou que demonstre sua emoção. Todos os sentimentos que sempre foram engessados durante a vida da personagem parecem buscar alguma forma de expressão, mas o corpo dela não responde a esses estímulos que ficam, como sempre, só no campo do pensamento. As duas forças distintas que são envoltas nesse episódio fazem com que Dodôte sintasse ferida e culpada por tudo o que deixou de fazer, e isso a faz imergir em suas reflexões e angústias.

CAPÍTULO III

DODÔTE E O MUNDO

Até aqui se buscou demonstrar as diversas dificuldades vividas por Dodôte como ser melancólico e o grau de intensidade que era vivido pela personagem diante de diferentes acontecimentos. Todo o enfoque foi pautado na personagem principal com o intento maior de desvendar suas características e revelá-las perante a classificação ajustada ao sentimento melancólico.

Se um ser melancólico, como Dodôte, pode ser caracterizado por suas extremas dificuldades em lidar com o mundo e pela sua constante introspecção, não seria difícil que em uma análise, ou na própria obra, se apagassem as demais personagens, já que toda a angústia existencial de Dodôte parece ser mote suficiente para a completa complexidade dos sentimentos da personagem. No entanto, não há a possibilidade de haver uma análise satisfatória da obra, sem que se leve em consideração os outros seres que colaboram ou modificam o estado de Dodôte.

Há por parte da personagem principal uma enorme dificuldade em relacionar-se com os demais, o que não caracteriza uma ausência de relações. A própria dificuldade em relacionar-se e o distanciamento de Dodôte têm variações com os que a circundam. Há grande dificuldade por parte de Dodôte em relacionar-se com o meio e reconhecer-se como membro participativo de uma família, traço característico da falta de fixidez no mundo e o não pertencimento diante de sua família.

Assim, pretende-se agora analisar as demais personagens que tenham relação com Dodôte, para que o grau de interação e complexidade entre as partes seja esclarecido. Se Dodôte possui grande embotamento afetivo, é necessário que se atente para o modo como essa reclusão afeta as demais personagens e em que ponto as mesmas auxiliam ou prejudicam o estado de Dodôte.

3.1 MARIA DO ROSÁRIO

Na mitologia grega, Thanatos é a personificação da morte e Eros seria a personificação do amor. Essas duas figuras representam movimentos contrários, embora sejam dois princípios da vida, comparados são forças distintas. Há dois movimentos vitais nessas figuras: vida e morte. Thanatos pode ser representado por Dodôte que é o ser que mais se liga à morte, pela presença constante do luto e pela ligação com sentimentos relacionados ao luto como tristeza e melancolia. Já Eros é representado por Maria do Rosário que insere todas as características da vida; ela está distante da pulsão da morte, busca a alegria e felicidade, não se detém a pensamentos fixos em torno da morte ou de qualquer tristeza. Assim, têm-se duas personagens que aparentemente são antagônicas, mas que na verdade são complementares, assim como Eros e Thanatos.

A personagem Maria do Rosário não tem todas as suas características prontamente desvendadas quando surge na narrativa. Aos poucos se sabe sobre seu passado e sua situação presente. Inicialmente, a aparição da personagem mostra-se sem qualquer relevância, é apenas uma amiga que tenta conversar ou fazer qualquer tipo de atividade com Dodôte. Mas aos poucos são revelados alguns pontos que demonstram que a ligação de Maria Rosário com a família de Dodôte não é trivial, ela teria tido um caso amoroso com o irmão de Dodôte, caso que não fora bem aceito nem pela família, nem pela sociedade. As aparições de Maria do Rosário são na grande maioria das vezes como visitas à casa de Dodôte; ela não é convidada a ir, mas se instaura como parte do mundo de Dodôte do mesmo jeito, sua presença é imposta. O incômodo que ela causa vai além de Dodôte, pois Dona Rita não gostava da amizade entre as duas. A avó deixa claro à Dodôte que Maria do Rosário não é bem-vinda tanto por sua má reputação na cidade como pelo seu envolvimento pregresso com seu neto.

A amizade entre Dodôte e Maria do Rosário dá-se com um passeio logo no início do romance:

Muitos dias depois Dodôte ainda guardava indelével a marca desses momentos, e sentia que entrara de chofre em um mundo insuspeitado, indiferente e hostil. E Maria do Rosário, que conhecera nesse dia, foi o sinal de invasão, da intromissão de estranhos em seu íntimo. Era-lhe impossível explicar como sua nova amiga surgira com seu riso perene, os cabelos em desordem, os vestidos alegres e mal-acabados, e via com espanto sempre novo aquela moça agitar-se em torno dela, procura-la a todo instante, sempre projetando alguma coisa proibida, e tão sua amiga, na facilidade da vizinhança das moradias. (RE 43)

A amizade entre as duas não se dera pela afinidade ou qualquer outro tipo de aproximação comum, mas sim por estarem comodamente próximas em seus espaços físicos. Neste momento da narrativa é o que se conhece, muito embora outros motivos que podem ser vistos como causa da aproximação das duas serão esclarecidos mais adiante. Já no início da amizade entre as duas, pode-se considerar como ponto relevante que há um olhar específico para a grande alegria e as formas fora do comum que Maria do Rosário carrega.

3.2 A INVEJA

Na relação de Dodôte e Maria do Rosário muitos pontos podem ser considerados, mas inicialmente há um apuro especial pelo tratamento da inveja, já que se trata de uma relação que não segue qualquer linearidade. No início, a amizade entre as duas figuras é algo trivial, mas ao longo da narrativa vai se desnudando e mostrando suas características distintas.

Durante todo o romance, a luta interna de Dodôte é a de manter-se segura num estado de proteção constante diante daquilo que ela classifica como perigoso, como as preocupações sociais que a ela são dadas, o convívio com os familiares, as difíceis saídas de casa para algum passeio estreito. Mas todas essas aflições parecem pequenas perto do desarranjo de paz que simboliza a figura de Maria do Rosário. A inquietude diante da amiga e a comparação que Dodôte faz com ela, são os contrastes que marcam o texto quando se fala das duas personagens:

Deslizavam entre os grupos, uma com seu vestido branco enfeitado de fitas vermelhas e a outra toda de preto – pois ninguém se lembrava de dizer-lhe que não se vestisse mais de luto – como se desviassem de simples obstáculos.

Maria do Rosário, entretanto, ria-se e tinha olhos constantemente abaixados, pois conhecia toda a gente e não queria ver ninguém.

Sentia-se estranhamente, deliciosamente pura e esquiva, abrigada como estava pela aura de timidez de sua amiga, sempre incompreensiva e distante para com os homens e mulheres alegres que delas se aproximavam, e, repelidos, logo desapareciam, em busca dos prazeres pobres que lhes oferecia a quermesse. (RE 45)

Se uma traz o vestido branco enfeitado de fitas vermelhas e a outra é o extremo oposto, já na vestimenta tem-se a oposição clara entre os dois seres. Uma é a alegria, a vida transbordada em sua plenitude, a outra carrega a morte, a falta de vontade de viver. Como a morte não poderia então invejar-se do poder da vida? Maria do Rosário encontra abrigo seguro em toda a estranheza do silêncio e na falta de vida de Dodôte. A inveja parte, portanto, inicialmente de Dodôte ao se comparar com Maria do Rosário, mas esta também possui seu quinhão de inveja. A inveja é considerada um sentimento direcionado a outra pessoa sobre aquilo que não se pode ter por incapacidade de alguma espécie. Aquele que é desejoso de algo que o outro possui contrai uma tristeza em relação a esse desejo. Ao tratar a inveja no melancólico há que se atentar para a proposição:

Tal é a inveja do melancólico de apropriar-se das marcas de outrem a fim de esboçar em vão os contornos frágeis de um vazio interior. O fato de a rigidez do vazio proteger o melancólico de um desabamento futuro, ou então de este preceder de um ponto cego do espelho não impede o sujeito de agarrar-se com força aos cacos de identidade que o cercam. Receptações de um roubo ignorado, estes cacos, é claro, não tardam a se dispersar, não sem terem, entretanto, concedido a seu sequestrador uma “folga de existência”. (LAMBOTTE, 2000, p. 88)

Dodôte reconhece em Maria do Rosário aquilo que lhe falta, esse é o início da construção da inveja. No entanto, esse reconhecimento é avassalador e consegue tirar Dodôte de seu estado de segurança, pois vê na outra tudo aquilo que deveria ser, mas não pode:

Quis seguir Maria do Rosário em sua alegria, quis também ser criança, sem preocupações, sem análises, sem segundos pensamentos, para acompanhar a vida de momento a momento sem passado e sem futuro, e aproximou-se para talvez tomar parte da dança que continuava. Mas alguma coisa a advertiu sem seu íntimo, confusamente. Suspendeu o gesto, parou os passos que ensaiara, e voltou-se em sua cadeira, sem dizer uma palavra, com estranha rigidez. (RE 71)

Com o desenvolvimento da amizade entre as duas, há em Dodôte o ser invejoso, a contemplação do belo que não existe em si, mas existe no outro. Para Maria do Rosário, há a satisfação ao fortalecer o desassossego de Dodôte. Por vezes, ao estar com Maria do Rosário, Dodôte sente-se contaminada pela alegria e vivacidade da amiga, mas este estado logo passa:

Era a tentação sombria de agir, de se debater freneticamente, de agitar tudo que adormecera já em seus sentimentos, com obstinação diabólica, até que viesse à tona outra verdade, outro sangue, inteiramente novo, mesmo que fosse carregado de detritos e de lama. Era necessário, pensava com tristeza desanimadora, seria necessária uma viagem de volta em sua vida, de retorno sobre si mesma. Mas devia ferir-se muito fundo, cruelmente. (RE 73)

Existe um amontoado de expectativas rapidamente frustradas no momento em que Dodôte se depara com Maria do Rosário, é um impulso para a vida, mas que é logo retraído. A relação entre Dodôte e Maria do Rosário pode ser considerada como uma relação de mutualismo. Muito embora seja Dodôte a maior parte das vezes a detentora da inveja pela amiga, o contrário também acontece de uma maneira bem mais contida. Há grande diferença em aspectos físicos e sociais em relação às duas personagens, e a relação de mutualismo deve ser justificada pelo interesse que teria Maria do Rosário em manter a amizade com Dodôte.

Após os encontros iniciais entre Maria do Rosário e Dodôte, há uma expectativa por parte de Dodôte que a amizade dissipe-se:

Dodôte esquecera a amiga. Apagara-a de sua mente, e deixara que o tempo corresse sem vê-la, porque julgava que a intimidade, que se formara tão rapidamente entre elas, contra sua vontade, se desfaria com esse simples artifício, uma vez que era falsa. (RE 58)

Embora Dodôte ansiasse pelo desfazimento da amizade que julgara falsa, por parte da avó já havia sido determinado que Maria do Rosário não era bem-vinda na casa. No entanto, uma recordação foi feita por Maria do Rosário de forma propositada; ela enviou à Dodôte cartas íntimas e fotografias que teria trocado com irmão já falecido de Dodôte, o que fez com que Dodôte se transportasse para o momento doloroso da morte do irmão:

Mas um recado tornara insustentável essa fácil fuga, e Maria do Rosário sabia muito bem disso. Conhecia a guerra misteriosa, surda e implacável que contra ela moviam todas as senhoras da cidade, mas o nome de seu pai e de sua família a protegiam contra o desprezo que sentia em todos que a recebiam em suas casas, sem coragem de expulsá-la. Mandara para Dodôte, envolvida em cartas muito íntimas, fotografias de seu irmão que vivera na cidade, e se recursara a ir para a fazenda, quando os pais tinham morrido. (RE 58)

É neste momento da narrativa que as relações anteriores de Maria do Rosário começam a ser esclarecidas, assim como a relação dela com a sociedade, ou melhor dizendo, como a sociedade a vê. Neste mesmo trecho em que Dodôte tem recordações da morte de seu irmão por meio das cartas entregues pela amiga, a narrativa traz indicadores da relação de Maria do Rosário com o irmão de Dodôte, José: “Muitos homens enchiam a casa, e todos sabiam que ali tinha estado antes uma mulher, que devia ter direitos sobre o morto...” (RE 59).

A relação entre Dodôte e Maria do Rosário não se estabelece no momento em que se encontram pela primeira vez, mas sim com o laço do irmão de Dodôte; anterior a essa amizade, a mulher que teve algum tipo de relação com seu irmão, mas que era, ao mesmo tempo, desconhecida por Dodôte, fora Maria do Rosário:

Apanhou uma das fotografias, e, sem ler a dedicatória que adivinhava qual fosse, contemplou a figura esmaecida do irmão, que lhe sorria, magro, mas com a fisionomia serena. Tinha agora que refazer a imagem que se agravara em seu íntimo, a de um pobre doente esmagado pela tristeza e corroído pela moléstia, imagem essa que tinha entranhado e apossado de toda a trama de seu ser, e que nele ficara como uma dor contínua, sem alívio.

Para não associa-la a Maria do Rosário, tinha que arrancar de seu coração a lembrança do morto e devia fazê-lo com repugnância, e tentou ajoelhar-se e rezar até perder a noção das coisas, mas sentia rugir no peito o demônio da raiva, que mordía os freios, e não queria se calar... (RE 61)

O que não é dito no texto é a exatidão de acontecimentos no relacionamento entre José e Maria do Rosário, sabe-se que houve um relacionamento, provavelmente não de forma convencional. A convencionalidade não participa da personalidade de Maria do Rosário. Por isso há uma recusa da sociedade em aceitá-la.

3.3 Maria do Rosário e Dodôte: Complementares

Se Maria das Dores, Dodôte, nome que é trazido pouquíssimas vezes na obra, enquanto nome carrega todo o significado das dores da personagem que se esconde atrás de um apelido, a frustração de se viver em um mundo que não a satisfaz e a incomoda, Maria do Rosário também, de sua maneira particular, vive em um mundo que não a comporta ou não a aceita e é neste sentido que se dá a aproximação das duas:

Depois de algum tempo, enquanto Dodôte concertava os cabelos e compunha o vestido, Maria do Rosário teve uma expressão de piedade no rosto há pouco tão sorridente, e disse com doçura:

-É preciso consolar-se, e não sofrer tanto... Você se atormenta sempre pelos outros... (RE 86)

Embora Dodôte não fale de seus sentimentos para a amiga, ela reconhece o que se passa em seu íntimo, sua dificuldade em relacionar-se com os outros e como isso a atormenta. É Maria do Rosário a primeira e desafiadora

pessoa a verbalizar o que antes só se passava no interior Dodôte. As aflições de Dodôte desnudadas pela amiga fazem que uma nova relação surja, pois Maria do Rosário, ao conhecer o íntimo de Dodôte, tem o poder interferir na extrema oposição entre o espírito e o ser em que vive a amiga.

Em um de seus passeios, elas vão ao cemitério para que Maria do Rosário pudesse visitar restos mortais de sua família; lá se deparam com uma viúva com quem Dodôte se identifica, principalmente pelo modo de vestir e na significação do luto. É neste episódio dentro de um cemitério que alguns sentimentos entre as duas são postos em revelação:

 Maria do Rosário, sem perder de vista a nova visitante, que se esgueirava por outras alamedas, entre as mais abandonadas, falava sempre, com os dedos apertados no braço de Dodôte, e levou-a insensivelmente para junto do jazigo da sua família, onde, em uma larga cruz de pedra, se lia o nome da mãe, também Maria do Rosário, do pai, das irmãs, dos tios e de todos de seu sangue que tinham já partido para a vida eterna. Ficara sozinha no mundo, com o que restava da antiga riqueza, e uma parenta velha que sempre fora simples de espírito, sem uma palavra que pudesse orientá-la. (RE 88)

É aí que se afigura a semelhança entre as duas personagens, Maria do Rosário, que antes só aparecera como figura alegre e extrovertida, é apresentada como um ser solitário. Dodôte também é um ser solitário, mas sua solidão é voltada para si mesma, não depende da manifestação de pessoas ao seu redor. Ser só é uma condição para Dodôte, já Maria do Rosário ficou só, foi deixada só com uma acompanhante de pouco ou nenhum significado. Só a riqueza e o prestígio que sua família tivera há algum tempo ainda permitiam certo acesso à sociedade. A morte que muito pontuou a vida de Dodôte também seria determinante na vida de Maria do Rosário. Embora ambas tivessem suas dificuldades em lidar com a morte, as soluções encontradas foram diferentes; enquanto Dodôte fechou-se em si mesma, Maria do Rosário veste a máscara da comédia: “Tinha posto de novo a sua máscara de comédia, e deu alguns passos com ostensiva naturalidade” (RE 90).

Quando ainda estão no cemitério e Maria do Rosário chora copiosamente perante o túmulo de seus pais, Dodôte não entende o que estava acontecendo:

Continuava a hesitar, parada diante de Maria do Rosário e contemplava sem ver o seu rosto zombeteiro. Não sabia como dizer-lhe, como explicar o sofrimento dela, Dodôte era o sofrimento da vida, que a dor estava nela, e não no luto e na saudade que via em torno de si, que não esperava remissão nas lágrimas choradas sobre ela própria, pois era sua mesma prisioneira, e não poderia fugir dos limites de sua razão. (RE 91)

Maria do Rosário representa para Dodôte o confronto com a realidade, é ela o símbolo de uma dor diferente da sua, de um estado totalmente distinto do seu. Maria do Rosário é o ser que consegue se distanciar da dor, valendo-se de artifícios impensados por Dodôte, tamanha é a dificuldade que Dodôte tem em entender como o choro poderia trazer alívio: “ – Eu queria saber... como você chora...” (RE 91).

Nos momentos de conversa entre Maria do Rosário e Dodôte, o que impera é a inquietação que Maria do Rosário provoca em Dodôte, que leva Dodôte a uma tomada de consciência. Invariavelmente os questionamentos de Maria do Rosário levam Dodôte a refletir sobre si mesma e as possibilidades diante de si. Mas a tomada de consciência é breve e, logo depois de se conscientizar de seu estado e de suas possíveis saídas, Dodôte retorna ao seu estado comum que é o melancólico. Isso pode ser percebido no trecho em que Maria do Rosário questiona Dodôte sobre o casamento:

– Por que você casou com Urbano?

Dodôte apoiou o rosto nas mãos que tinha cruzado, e o seu corpo esposou estreitamente a terra, como se quisesse poupar suas forças para um combate que se iniciava.

[...] Mas, depois de algum tempo fez soar um riso surdo, de boca fechada e, finalmente, respondeu:

– Estou me lembrando de uma frase que ouço muitas vezes: foi a força das... circunstâncias... por que você me pergunta?

Maria do Rosário virou o rosto e deitou-se todo na relva, com as mãos na nuca, e pareceu dormir e abandonar a luta. (RE 219)

Após questionar Dodôte sobre o casamento que já havia acontecido, Maria do Rosário permanece em silêncio, como para suscitar os pensamentos da amiga diante da abordagem inicial, o que verdadeiramente acaba acontecendo:

Não fora a força das circunstâncias que a fizera casar-se com Urbano, e realizar o projeto que vinha de seus avós...

Ela bem sabia que toda a sua vida invocara sempre um fato, alguma razão exterior imperiosa que a forçasse a fazer o que desejava, e no íntimo conhecia ser evitável, mas assim ficava sendo o simples resultado da escravização que a dominara por alguns instantes. (RE 219)

3.4 A MULHER SOLTEIRA, A MULHER CASADA

O sistema patriarcal, no qual a obra está pautada, direciona o olhar para a mulher e em qual situação é julgada. Quer no aspecto do casamento, mote de salvação para Dodôte, quer observada a pena de ser solteira carregada por Maria do Rosário, indiscriminadamente as duas situações são justificadas segundo a presença ou a ausência do homem. Não há na obra a libertação da mulher, diante da necessidade de afirmar-se por meio de um homem. A personagem que mais se distancia do papel ideal para a mulher da época é Maria do Rosário que se exime da necessidade de arranjo com um homem. Sobre a libertação da mulher Simone de Beauvoir acrescenta:

A mulher sustentada – esposa ou cortesã – não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto [...] Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. (2009, p. 879)

Seguindo os padrões previamente determinados pela sociedade, Dodôte refugia-se no casamento como forma de conter os ânimos da família. As expectativas diante do futuro da personagem já estavam desgastadas. O casamento

de Dodôte é um acalento para os demais e um suposto refúgio para si mesma. Ao contrário de Dodôte, Maria do Rosário permanece solteira durante toda a obra, sua existência não se justifica pela presença de um homem, mas a inquietação que ela provoca na sociedade que a cerca se dá pela relação tida com um homem:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição. (BEAUVOIR, 2009, p.547)

Se Maria do Rosário esquiva-se do comum, sendo solteira e tendo tido um relacionamento com o irmão de Dodôte sem se casar, Dodôte por outro lado segue a linearidade e casa-se conforme o gosto de sua avó. O casamento arranjado é o melhor artifício diante de situações como a da personagem; no entanto, não é de fato bem sucedido, pois com o tempo o casal enfrenta grande distanciamento, o que pode provar o insucesso de um casamento arranjado:

Pretender que a união baseada na conveniência tem muitas possibilidades de engendrar o amor é uma hipocrisia. Exigir de dois esposos ligados por interesses práticos, sociais e morais que durante toda a vida dispensem a volúpia é um absurdo. Entretanto os partidários do casamento de conveniência não têm dificuldade em mostrar que o casamento por amor não comporta tampouco muitas possibilidades de assegurar a felicidade dos cônjuges. (BEAUVOIR, 2009, p. 578)

Distante das amarras de um casamento arranjado, pois já não se encontrava no seio de uma família que o pudesse fazer, a liberdade de Maria do Rosário amofina os demais por afrontar as determinações de uma sociedade que classifica a mulher por meio do homem. Não é legítimo para a época que qualquer mulher seja plena ou feliz sem que tenha um marido ou pretendente; ela fica então entregue a um grupo ínfimo e não bem querido, pois dista do comum:

Dodôte lembrou-se de um fragmento de frase dito ainda há pouco por Maria do Rosário:

– Uma solteirona, como nós outras...

– Eu própria sou uma solteirona – pensou com indiferença- e talvez Maria do Rosário o tenha adivinhado, se com isso quis referir-se àquelas que não têm qualquer coisa que as prenda realmente à vida... que sejam sozinhas no mundo, sem amor, sem amparo... (RE 270)

No fragmento citado, Dodôte esclarece o pensamento da sociedade vigente, que pensava ser o casamento a solução ou a felicidade que toda mulher mereceria, o que traria sentido à vida da mulher. No entanto, Dodôte encontra-se casada, mas muito distante do ideal de que havia imaginado em um casamento. Ela não encontrara no outro o refúgio ou o amparo para suas inquietações e por isso classifica-se como as outras solteiras que ainda não tinham realizado ou encontrado a plenitude de suas vidas. Se a mulher solteira não apresenta sua plenitude, logo não é cabível que se sinta satisfeita diante de seu estado de solteira.

Em todos os momentos em que Maria do Rosário é apresentada como um ser alegre, colorido, pode-se confirmar que sua alegria e vivacidade afrontam o estado interno de luto que deveria ter uma moça não casada, ou como adverte Beauvoir: “A alegria é um movimento, um impulso de liberdade, está reservada ao homem; o que a mulher conhece é uma impressão de sorridente plenitude” (2009, p. 806). No romance, isso fica patente:

Quando a multidão as observou com indiferença, já Maria do Rosário recuperara o riso, a sua arma contra o desdém que a cercava, contra a vida que ela própria corrompera, e agora eram apenas os obstáculos e os grupos que rompiam, para fazer caminho para Dodôte, que a preocupava. (RE 269)

Não estar de acordo com as demandas da sociedade não exclui Maria do Rosário de participar dos julgamentos e de tentar revidá-los, como ao expor aos demais que tinha amizade com a irmã de seu amante no passado, o que de certa forma legitimaria o caso entre os dois:

Maria do Rosário, que a princípio se ocupara unicamente de seu pequeno triunfo, ao atravessar quase todo o centro da cidade em companhia da irmã daquele cujo nome a maledicência ligava tanto ao seu, por fim deixou-se empolgar pela sensível transfiguração de Dodôte, provocada não sabia ela por que misteriosos sentimentos, e andava ao lado dela, e a contemplava da cabeça aos pés, com mal disfarçado assombro. (RE 268)

3.5 MARIA DO ROSÁRIO: O IMPULSO EXTERNO

Dodôte pode ser contrastada com Maria do Rosário durante toda a obra; o fato de serem dispares é comumente assinalado. No entanto, o contato de realidade que Maria do Rosário promove para Dodôte é imprescindível para que esta não se integre diretamente à morte. A comunicação entre as duas se faz quase de maneira unilateral, pois o restante do diálogo se constrói dentro de Dodôte. Muitas vezes são tentativas de reações ou pensamentos incessantes sobre a vida, como a conversa em que Maria do Rosário pergunta a Dodôte porque havia se casado e, após uma resposta automática, Dodôte entra em uma grande profusão de pensamentos sobre seu casamento.

Dentre as conversas entre as amigas, todas bastante escassas, porém significativas, a de maior profusão é a que nos últimos capítulos da obra tira Dodôte do estado de sonolência profundo. Já após a morte de Urbano e grávida, padecia de um estado vegetativo e pouco falava. É neste momento que recebe a visita de Maria do Rosário:

– A viúva, a Dona Maria Gonçalves – sussurrou, e fingindo transmitir um segredo, chegou os lábios junto do ouvido de Dodôte – a viúva está fazendo um enxoval de criança para você.

Julgou, a princípio, que Dodôte não prestara atenção ao que dissera, mas leve rubor cobriu suas faces pálidas, e desviou o olhar simplesmente, sem que transparecesse o menor desagrado em sua expressão cansada. Mas mesmo assim compreendeu que não era inútil o seu falar, e, para maior segurança, pôs a mão no ombro da amiga, sacudida de risos irresistíveis, e prosseguiu. [...]

– O enxoval está completo. Até nele figuram dois palitozinhos pretos e duas mantas roxas... naturalmente para o luto aliviado! (RE 333)

Maria do Rosário tem total consciência de que suas palavras reverberam no íntimo de Dodôte e, sendo assim, não há qualquer preocupação ao contar que está sendo feito para o filho de Dodôte um enxoval lutuoso. O que seria algo pesaroso é contado pela amiga com tom descontraído e com risos. É a essa notícia que Dodôte reage:

- Maria do Rosário – disse ela, e sua voz ergueu-se cristalina e firme, muito nova – Não tenha medo... quero os meus vestidos.
- Para que, Dodôte? – exclamou Maria do Rosário, que se levantou da cadeira, onde estivera sentada, e fitou-a com os olhos muito abertos. – Você vai levantar-se? Espere um pouco, que vou chamar sua avó e Chica, elas devem estar perto.
- Não chame. Eu vou sozinha. (RE 334)

A prostração vivida por Dodôte é deixada de lado e, após a visita de Maria do Rosário, ela passa a viver como antes de casar-se. É uma nova tentativa de se reerguer até a próxima queda emocional.

3.6 DODÔTE, DONA RITA E CHICA

A vida de Dodôte é acompanhada constantemente por duas pessoas, a avó e a criada; a presença das duas garante a visão apurada do estado emocional de Dodôte e, por vezes, mais especificamente por parte da avó, há manipulação em determinadas situações. Por serem membros da família, considerando que Chica tenha a mesma intimidade que qualquer outro membro da família, são sempre muito próximas fisicamente de Dodôte. Dona Rita e Chica dispensam grande tempo e energia em busca da melhora de Dodôte. Essas duas personagens têm grande interferência na vida de Dodôte.

A relação que Dodôte nutre com Chica é radicalmente distinta da que nutre com Dona Rita. Enquanto Chica participa do lado afetivo, compartilhando momentos de angústia e incertezas, Dona Rita tem o papel representativo do social com a intenção sempre clara de fazer com que a neta

adquirir pertencimento social. Roberto DaMatta, em sua obra *A casa e a rua* (1985), expõe a ideia de que existem dois tipos de códigos em uma sociedade: um é código da casa fundado na família e o outro seria o da rua baseado em leis universais; cada ser age conforme a demanda de cada código. Assim, Dona Rita é a força de reajuste do código da rua, muito embora por muito tempo ela tenha sido a única representação de família para Dodôte, e é Chica quem organiza o mundo da casa para Dodôte.

3.7 CHICA

Chica é a empregada da casa, tratada sem qualquer atenção pelos demais, sua presença só é fundamental à Dodôte, mesmo que essa não aponte total conhecimento desta necessidade. Chica esteve o tempo todo ao lado de Dodôte participando dos acontecimentos de sua vida:

A preta velha tinha carregado Dodôte em seus braços, tinha sido sua pajem, e depois sua companheira infatigável, seguindo-a sempre, e tomara parte em todas as suas mudanças e viagens. Fora levada para o colégio, e lá ficara como servente, para acompanhar a sua menina. Dodôte sentia que ela era uma testemunha de sua vida, era uma prova de sua continuidade, uma afirmação da lógica e do seguimento de seus atos, e essa sensação era para ela, muitas vezes um prazer profundo, a impressão de alívio e de refúgio, de porto achado, de ansa tranquila onde podia se abrigar. Quando se apoiava em seu regaço de virgem velha, de escrava desprezada, e Chica contava-lhe as suas histórias docemente absurdas e incoerentes, Dodôte sentia, ainda agora, repassar a seus olhos a sua vida inteira, com episódios que não se ligavam, não formavam um todo, e viviam unicamente pelo calor que lhes imprimia a voz daquela negra. (RE 65)

Por Dodôte ter ficado órfã muito cedo, é Chica quem assume o papel da mãe, acumulando a tarefa de empregada de casa e de cuidadora de Dodôte. Pode-se dizer que Chica mesmo ocupando papel tido como de menor importância, como de empregada, ainda tem maior participação sentimental na vida de Dodôte do que os outros familiares jamais teriam. É ela que nutre carinho

especial pela menina, atenção que não é dispensada por nenhuma outra personagem da pequena família. A afetividade entre as duas é bastante grande, prova disso é a menção do texto do pronome *sua* em *sua menina* que caracteriza a carga de responsabilidade que está inserida na relação entre Chica e Dodôte. Essa carga não parece estar condicionada a nenhuma imposição dada à Chica, mas sim ao laço de afetividade que se fez crescente com o passar do tempo entre as duas.

Chica é a pessoa que observa Dodôte o tempo todo; talvez seja possível dizer que a existência da personagem justifica-se a partir de Dodôte, pois todos os atos e falas de Chica revelam algo relacionado a Dodôte. Mesmo quando Chica fala de seus antepassados ou de algo mais pessoal é para Dodôte que ela conta. Chica é uma personagem na maioria das vezes silenciosa e em constante observação do mundo, mas sempre ao lado de Dodôte. Assim como os diálogos são destinados à Dodôte, um exemplo desta companhia silenciosa seria a morte de Urbano, Chica observa silenciosamente todos os movimentos de Dodôte:

Fechou-se por dentro, cuidadosamente, e Chica, que a acompanhava com os olhos, suspirou, e foi para a cozinha levar a simples bandeja de madeira em que pusera a tigela de leite, o açucareiro e os biscoitos. Ao sair da sala escutou ainda o som hesitante dos passos de Dodôte dentro do aposento, mas logo, transida, fulminada de terror no lugar onde estava, ouviu um grande grito, que estrugiu de repente, sobre-humano, em duas notas, uma aguda e outra grave. (RE 293)

Chica é a personagem que mais se aproxima de algum tipo de compaixão destinado à Dodôte, talvez por ter carregado os sentimentos de cuidado e por velar a vida toda por Dodôte como uma mãe. Chica preocupa-se em saber o que passa no íntimo de Dodôte, embora na maioria das vezes não consiga entender o que se passa:

Mas Chica também a observava, e viu que os olhos da moça continuavam sem brilho, fitando-a amortecidos, como se a espreitassem, sonolentos, por entre as pálpebras pesadas.

– Em que Nhanhã está pensando? – Interrogou ela, com certa inquietação, pois julgou ver na expressão de Dodôte uma censura – que é que está preocupando tanto a minha Nhanhã?

– Estou pensando que... sou feia – explicou Dodôte (RE 154)

3.8 DONA RITA

A avó de Dodôte tem significativa importância em sua vida, não só por ser sua responsável após a morte da mãe, mas também quando busca organizar a vida da neta com a imposição do casamento. Cabe ressaltar que Dona Rita assume um grau distinto de poder com a morte de seu marido, o avô de Dodôte. Quando o patriarca da família deixa de responder pelas responsabilidades da família, Dona Rita assume esse papel e com a iminente falência da família se vê obrigada a tomar medidas rápidas. É nesse momento que concretiza a ideia já antiga do casamento de seus netos:

A senhora sabia que, como seu marido, também tinha poucos dias para viver ainda, e uma singular inquietude senil a galvanizava, e lhe queimava o sangue. Queria marcar essas últimas horas da vida com sua vontade, com sua realização imediata e forte dos desejos e dos designios que a tinham feito tremer de impaciência muitos anos.

Vira esfacelar-se em suas mãos todos os planos que fizera. Tinha podido apenas remoer em seu peito a cólera e a dor que lhe causara esse desmoronar de sua concepção de felicidade, para que o marido não desesperasse, sem defesa como era contra a adversidade. (RE 133)

Seguindo a ideia de que as duas personagens em questão, Dona Rita e Chica, são pontos norteadores para Dodôte, ou pelo menos tentativa deles, pode-se então tomar Dona Rita como a vertente que tenta orientar Dodôte no sentido social e é assim que ela impõe sua decisão:

Um sorriso vagou pelo rosto agora desfeito de Dodôte. Não pudera sustentar por muito tempo a atenção com que escutara as frases iniciadas por Dona Rita, e sentia desânimo e tristeza. Compreendia que daquele vulto esmaecido viriam as ordens do sacrifício que ela esperava sempre encontrar, sacrifício que descobriria os tesouros que trazia ocultos no fundo de seu ser, que a vida fechara brutalmente. (RE 98)

O esforço dispensado por Dona Rita em relação à neta é dado na intenção de que tudo esteja bem arquitetado aos olhos dos demais. A expectativa do casamento é um desses esforços da avó na ânsia de que a neta cumpra com os ditames sociais. Dona Rita é quem instrui Dodôte sobre a forma como ela deveria se portar diante de outras pessoas:

Depois tomou coragem. Levantou a vista e escrutou o rosto de Dona Rita, que se calara e parecia esperar que ela dissesse alguma coisa que a guiasse no resto do que tinha a dizer.

Mas o rápido golpe de vista mostrou-lhe apenas a máscara reticente e apagada da velhice, que surgia diante dela, esbatida pela luz difusa da sala. Não lhe podia distinguir com nitidez a expressão, e compreendeu, mais do que viu, que suas mãos se agitavam, em um gesto repetido, maníaco, de exorcismo inconsciente, de defesa ou de afastamento. (RE 97)

É característico à personagem melancólica a restrição de sentimentos e de compartilhamento dos mesmos. Dodôte não vê qualquer expressão de simpatia ou empatia por sua avó, as instruções da avó são recebidas por Dodôte de forma maquinal. O mesmo acontece por parte da avó que não consegue entender o que se passa no mundo tão fechado e absorto de Dodôte. Dá-se então um distanciamento afetivo bastante representativo e percebido por Chica:

Não pudera, contudo, confessar que não compreendia Dodôte, e havia no fundo de seu coração uma secreta e permanente irritação contra a neta. Um irreduzível antagonismo, que fizera Chica abanar a cabeça, com os olhos arregalados, e resmungar muitas vezes:

– Qual...os anjos da guarda delas não se dão mesmo... (RE 140)

Embora a relação entre Dona Rita e Chica seja bastante distinta em relação ao trato com Dodôte, com o agravamento do estado melancólico de

Dodôte é comum que as duas sejam sempre retratadas em conjunto, como se trabalhassem num propósito único de entender e salvar Dodôte, como acontece após a morte de Urbano em que a mesma sofre grande queda emocional:

Estava sozinha de novo, e para lá da porta, de novo Dona Rita e Chica se combinavam, sem trocar uma só palavra, e reatavam a vida em comum, que não poderia nunca compreender, nem nela tomar parte. O medo, que esquecera com as preocupações do caminho, veio de mansinho ao seu encontro, e dentro em pouco corria em suas veias, gelando o sangue preguiçoso. (RE 311)

Todo o sofrimento é visto e cuidado de perto por Dona Rita e Chica; mesmo que elas não possam adentrar as reais angústias de Dodôte, ainda assim acompanham seu sofrimento. As duas têm a presença mais asseverada na narrativa e, de forma conjunta, após a morte de Urbano, tal arranjo demonstra o quão grave era o estado de Dodôte e o quanto estavam preocupadas as duas únicas pessoas que a mesma tinha como família. Embora Dodôte não expresse qualquer ação que demonstre afetividade pelas duas senhoras, há, somente em uma passagem, o reconhecimento de que elas sempre estiveram ao seu lado. No entanto, esse reconhecimento fica apenas no plano das ideias, sem que Dodôte expresse nada:

Tinha sido amada por aquelas duas mulheres, e disso estava certa, pois sempre sentia, ao seu lado, o calor inexplicável do carinho, da assistência de amor, sem demasiados gestos e sem palavras de ternura, mas contínuo, muito igual, inalterável. Representara para elas uma finalidade imediata, absoluta de todas as horas, e tudo recebera sem avaliar o esforço despendido, sem ver o sacrifício que aceitava despreocupadamente, sem dar nada em troca, sem sequer abrir os olhos pelas dores que surpreendera muitas vezes, como agora. (RE 342)

Após ficar viúva e passar por gravíssimo estado de enfermidade, Dodôte ainda teria que lidar com a morte de Dona Rita; o único apoio que lhe restaria seria o de Chica, a criada fiel que continuaria a amparar Dodôte sendo sua a sombra silenciosa e protetora, na tentativa de fazer com que Dodôte suportasse mais uma perda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o trabalho até aqui apresentado pretendeu valorizar a obra de Cornelio Penna, fazendo-se sempre presente a tentativa de esclarecer e esmiuçar os sentimentos de uma personagem tão rica em detalhes e tão grandiosa em sua complexidade. A protagonista Dodôte poderia ser analisada de inúmeras formas com diferentes enfoques, sem que para isso houvesse qualquer tipo de resposta simples ou rápida dada a grande riqueza e profundidade psicológica de que a personagem é constituída.

Ainda que a análise apresentada talvez não supra toda a necessidade que a obra demanda, pôde-se constatar a densidade psicológica de Dodôte e a maneira como o autor constrói o texto em direção a sempre conturbada alma da personagem denotando a grande riqueza e apuro da obra. Entre os pontos de maior relevância apontados durante a análise, observou-se que Cornelio Penna se dispõe a ressaltar a figuração extremamente forte e marcante de uma personagem que tem a todo o momento sua voz interdita por duas forças: uma que vem de dentro dela, pois como ser melancólico tudo se passa mais forte internamente, e a outra seria a da sociedade que busca obstruir tudo o que destoia do comum.

O objetivo deste trabalho foi apontar para essa voz interdita que mesmo não tendo força, mesmo não aparecendo claramente, é incessante em seu eterno girar de sentimentos, caracterizando assim, uma das personagens mais marcantes da literatura brasileira.

Obviamente a percepção da melancolia esteve sempre vinculada ao contexto histórico, ou seja, às noções do seu valor e condição como doença e como parte de um estado de tristeza. Suas diversas formas e uso remontam à Grécia antiga enquanto preocupação filosófica e psicofisiológica. No contexto da psiquiatria e da psicologia contemporâneas, talvez Dodôte pudesse ser considerada como alguém depressivo.

Apesar disso, é importante anotar que a melancolia e o sofrer humano são lavrados tão profundamente que o romance *Repouso* proporciona um mergulho nos conflitos de Dodôte que todo o entorno familiar e social mostra-se ínfimo; a personagem toma todo o espaço e tempo da obra, tudo é relativo a ela, tudo lança luz aos pensamentos que sempre sorvem Dodôte da sua vida “normal”, tornando-a envolvida em si mesma. Todas as outras personagens acompanham o viver lento e passivo de Dodôte, são convidados a entrar e a sair em uma dança conduzida por ela. E se diante dos olhos dos outros, toda a vida de Dodôte foi vista como um grande repouso, com uma inércia absoluta, dentro dela existia uma busca frenética e incessante para que pudesse encontrar a calma e a felicidade.

Não houve repouso em Dodôte, nem para Dodôte, todo seu movimento foi de inquietude, seus pensamentos sempre cíclicos e frequentes a mantinham em movimento interno. Viver sempre foi uma volta em si mesma, com perguntas encadeadas sem que pudesse haver respostas.

Se a grande tristeza, a grande angústia que tomou a vida de Dodôte nunca pode ser removida por ela própria, a obra traz a expectativa de que, não se sabe se real, o repouso se faça através de seu filho. O filho de Dodôte seria sua esperança continuada.

OBRAS CITADAS

ADONIAS FILHO. Introdução geral. In: PENNA, Cornelio. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

_____. *Cornelio Penna: Romance*. Rio de Janeiro: ed. Agir, 1960.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Atlas, 2009.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

BALZAC, Honoré de. *A mulher de trinta anos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Govone, 1928.

BEAVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CÉSAR, Guilhermino. “Cornelio, o de Itabira”. *Minas Gerais – Suplemento Literário* IX.430 (23 nov. 1974): 12.

COUTINHO, Afrânio. dir. *Enciclopédia de Literatura Brasileira* São Paulo: Global, 2001.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FERREIRA, Jerusa Pires. “O Judeu Errante: a materialidade da lenda”. *Revista Olhar* 2.3 (2000): 1-7. Disponível em <http://www.olhar.ufscar.br/index.php/olhar/article/viewFile/21/20>.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Além do princípio do prazer*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Luto e Melancolia*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GUNTRIP, Harry. *Schizoid phenomena, object-relations, and the self*. New York: International Universities Press, 1969.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *A estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

LIMA, Luiz Costa. *O romance em Cornelio Penna*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MADEIRA, Carlos Eduardo Louzado. Uma estética de inextricáveis meandros: sombras e lacunas na ficção de Cornelio Penna. Diss. em Letras (Literatura Brasileira), UERJ, 2009.

MARTINS, Dênis Pereira. Figurações da morte em *A menina morta* de Cornelio Penna. Diss. em Letras (Estudos Literários), UEL, 2010.

PENNA, Cornelio. *Repouso*. Rio de Janeiro: Artium, 1998.

PLACER, Xavier. “Cornelio Pena”. *Minas Gerais – Suplemento Literário* XII.547 (2 nov. 1977): 3.

REICHMANN, Ernani. *Kierkegaard*. Curitiba: JR, 1971.

RODRIGUES, André Luis. Fraturas no olhar: realidade e representação em Cornelio Penna. Tese em Letras (Literatura Brasileira), USP, 2006.

SANTILLI, Maria Aparecida de. “Angústia e fantástico no romance de Cornelio Penna.” *Revista de Letras* (Assis) 5 (1964): 159-164.

SARTRE, Jean Paul. *Entre quatro paredes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SCHINCARIOL, Marcelo Tadeu. Em busca da alma de Itabira: uma leitura de Cornelio Penna. Diss. em Letras, Unicamp, 2001.